ESTÚDIO DE ÓPERA

LO SPEZIALE

(O boticário)

EDUCAR PARA A MÚSICA

13 & 15 NOV
SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL



©ANDRÉ QUENDERA

ÓPERA DE JOSEPH HAYDN
LIBRETO DE CARLO GOLDONI
DIREÇÃO MUSICAL JOÃO PAULO SANTOS
DIREÇÃO CÉNICA JORGE VAZ DE CARVALHO
ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

ESTÚDIO DE ÓPERA

LO SPEZIALE

(O boticário)

ÓPERA DE **JOSEPH HAYDN**
LIBRETO DE **CARLO GOLDONI**
DIREÇÃO MUSICAL **JOÃO PAULO SANTOS**
DIREÇÃO CÉNICA **JORGE VAZ DE CARVALHO**
ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

13 NOV 20H
15 NOV 18H30
SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
LISBOA

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

opart
ORGANISMO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA, EPE

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

LISBOA CULTURA

SÃO LUIZ
TEATRO MUNICIPAL

idealista

A vida é melhor com música

Descarregar na App Store

DISPONÍVEL NO Google Play

Estúdio de Ópera do Teatro Nacional de São Carlos

Um antigo regulamento de São Carlos, publicado em 1860, considerava o Teatro uma «escola prática de belas-artes». A ideia mantém-se plenamente atual, face a uma renovação geracional em curso – não apenas do público, mas dos próprios artistas e técnicos envolvidos no espetáculo lírico.

Formar os futuros profissionais do mundo da ópera constitui, para um Teatro Nacional, um desígnio e uma missão. É atentar no longo prazo, numa estratégia plurigeracional, ao mesmo tempo que se gere o presente, a mecânica do quotidiano e a espuma dos dias.

Sob a direção cénica de Jorge Vaz de Carvalho e a direção musical de João Paulo Santos – dois vultos incontornáveis, cujas biografias se entrelaçam com a própria história do São Carlos, no último meio século –, o Estúdio de Ópera constitui um espaço de desenvolvimento e aperfeiçoamento técnico e artístico para jovens cantores, ainda em formação ou no início do seu percurso profissional. Proporciona-lhes uma experiência intensiva e profissionalizante, que abrange todas as etapas de preparação, montagem e apresentação de um espetáculo lírico.

Lo speziale (O boticário), dramma giocoso de Joseph Haydn, estreou em setembro de 1768, inaugurando o teatro de ópera do palácio de Esterháza. A obra, que reúne apenas quatro personagens, permite um acompanhamento técnico e artístico próximo e individualizado, oferecendo a jovens cantores, selecionados por audição, a oportunidade de subir ao palco do Teatro São Luiz, em Lisboa, acompanhados pela Orquestra Sinfónica Portuguesa.

PEDRO AMARAL
DIRETOR ARTÍSTICO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

11 Ficha artística
13 De relance
19 Luís M. Santos
Lo speziale, ou A alquimia dos enganos
33 Elencos de estreia
37 Argumento
43 Libreto
97 Biografias
113 Ficha técnica

São Luiz Teatro Municipal, Lisboa
13 de novembro de 2026, às 20h
15 de novembro de 2026, às 18h30

LO SPEZIALE (O BOTICÁRIO)

Joseph Haydn (1732-1809)

ÓPERA BUFA EM TRÊS ATOS
Libreto de Carlo Goldoni (1707-1793)

ESTREIA ABSOLUTA
Teatro Eszterháza, Hungria
Outono de 1768

ESTREIA EM PORTUGAL*
Teatro Nacional São João, Porto
17 de julho de 1999

*(Coprodução Teatro Nacional São João/Casa da Música, inserida na preparação e programação da Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura)

EDIÇÃO DE
Robbins Landon
Universal Edition A.G.

DURAÇÃO
APROXIMADA
1h35

Espectáculo sem intervalo



DIREÇÃO MUSICAL
João Paulo Santos

DIREÇÃO CÉNICA
Jorge Vaz de Carvalho

CENOGRAFIA E FIGURINOS
Ana Paula Rocha

DESENHO DE LUZ
Sérgio Moreira

Ensaio geral

GRILLETTA
Liliana Mourão

VOLPINO
Joana Conrado

Elenco permanente

MENGONE
Gustavo Tecelão da Luz

SEMPRONIO
Tiago Simas

Estreia (13 de novembro)

GRILLETTA
Maria Mendes

VOLPINO
Beatriz Patrocínio

2.ª récita (15 de novembro)

GRILLETTA
Catarina Mouro

VOLPINO
Maria da Graça

Orquestra Sinfónica Portuguesa
(MAESTRO TITULAR Antonio Pirolli)

DIRETOR DE ESTUDOS MUSICAIS
João Paulo Santos

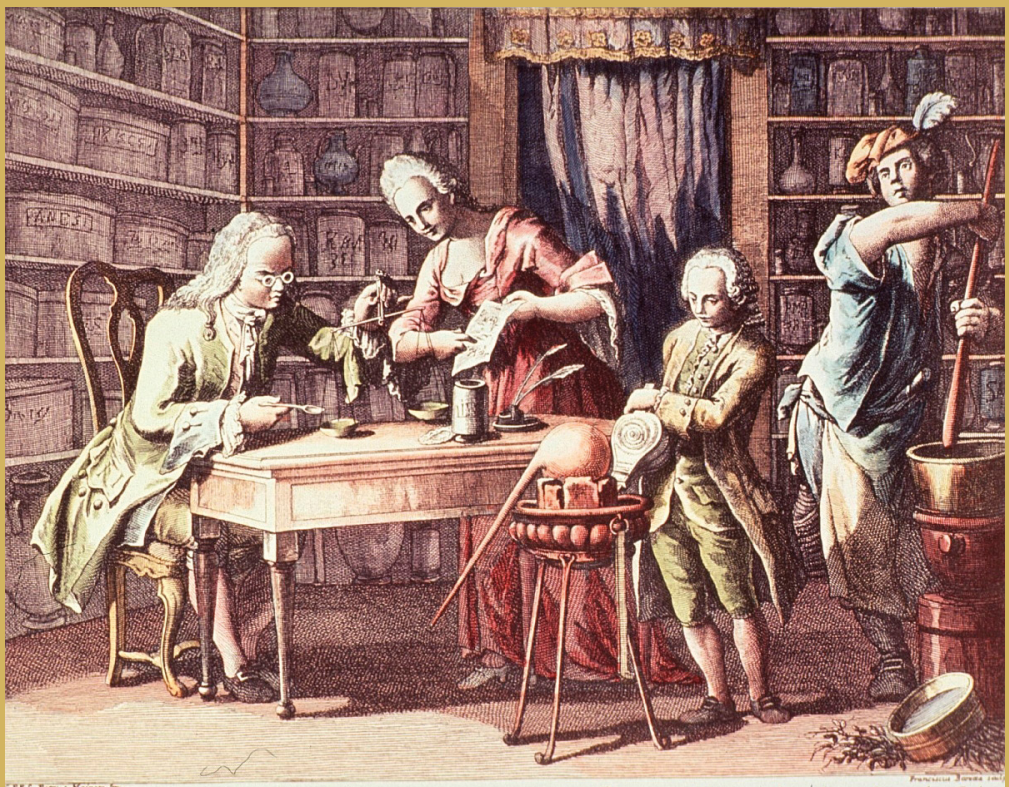
MAESTRO CORREPETIDOR
Bernardo Marques

CENÁRIOS E ADEREÇOS
Teatro Nacional de São Carlos

GUARDA-ROUPA
Teatro Nacional de São Carlos

CARACTERIZAÇÃO
Maria João Teixeira Unipessoal L.da

DE RELANCE



Per serbar della vita il gran tesoro
Si paga all'impostura ampia mercede,

LO SPEZIALE

E compra l'uom che al medico da fede
Poc'erba e secchi frusti a peso d'oro.

ABERTURA

ATO I

Cena 1

Ária e Recitativo

- Tutto il giorno pista, pista...
(MENGONE)

Cena 2

Recitativo

- Oh bellissima nuova!
(SEMPRONIO, MENGONE)

Cena 3

Recitativo

- Servo, signor speziale...
(VOLPINO, SEMPRONIO, MENGONE)

Ária

- Questa è un' altra novità...
(SEMPRONIO)

Cena 4

Recitativo

- Mengon Amico...
(VOLPINO, MENGONE)

Ária

- Per quel che ha mal di stomaco...
(MENGONE)

Cena 5

Recitativo

- Oh che bravo garzone...
(VOLPINO)

Cena 6

Recitativo

- Grilletta. Siete matto?
(VOLPINO, GRILLETTA)

Ária

- Caro Volpino amabile...
(GRILLETTA)

Cena 7

Recitativo

- Maledetta fortuna...
(VOLPINO)

Ária

- Amore nel mio petto...
(VOLPINO)

Cena 8

Recitativo

- Ho fatta la fatica...
(MENGONE, GRILLETTA)

Cena 9

Recitativo

- Cosa fate?
(SEMPRONIO, MENGONE, GRILLETTA)

Terceto final

- Quanti son di questa polvere...
(GRILLETTA, MENGONE, SEMPRONIO)

ATO II

Cena 1

Recitativo

- Canaglia maledetta!
(SEMPRONIO, VOLPINO)

Ária

- Un certo Tutore in Francia vi fu...
(VOLPINO)

Cena 2

Recitativo

- Eh capisco...
(SEMPRONIO)

Ária

- Ragazzaccie, che senza cervello...
(SEMPRONIO)

Cena 3

Recitativo

- Ancor il cor mi trema...
(GRILLETTA, MENGONE)

Ária

- A fatti tuoi badar tu puoi...
(GRILLETTA)

Cena 4

Recitativo

- Deh! Son pur sfortunato!
(MENGONE)

Cena 5

Recitativo

- Sì, sì, per far dispetto...
(GRILLETTA, SEMPRONIO)

Cena 6

Recitativo

- Fortuna, se potessi...
(VOLPINO, SEMPRONIO, GRILLETTA)

Cena 7

Recitativo

- Ah razza maledetta!
(MENGONE, SEMPRONIO, VOLPINO, GRILLETTA)

Quarteto fnal

- Colla presente scrittura privata...
(GRILLETTA, VOLPINO, MENGONE, SEMPRONIO)

ATO III

Cena 1

Dueto

- Oh disgraziati!

(VOLPRINO, SEMPRONIO)

Recitativo

- Volete che per voi introduca il discorso?

(VOLPINO, SEMPRONIO)

Ária

- Son uomo generoso...

(SEMPRONIO)

Cena 2

Recitativo

- Ho vinto.

(VOLPINO)

Cena 3

Dueto

- Penso... dico...

(MENGONE, GRILLETTA)

Cena 4

Recitativo

- Or che tutto è concluso...

(SEMPRONIO, VOLPINO)

Ária Salamelica

- Semprugna cara.

(VOLPINO)

Cena 5

Recitativo

- Che bel parlar grazioso...

(SEMPRONIO, GRILLETTA, MENGONE)

Cena 6

Recitativo

- Grilletta non trovara...

(VOLPINO, SEMPRONIO, MENGONE)

Final

- Signor Sempronio...

(GRILLETTA, VOLPINO, MENGONE, SEMPRONIO)

LO SPEZIALE, OU A ALQUIMIA DOS ENGANOS

LUÍS M. SANTOS
MUSICÓLOGO



1. Joseph Haydn e a ópera

Ainda que a história da música não recorde Joseph Haydn (1732-1809) entre os principais compositores de ópera do seu tempo – sendo o seu nome associado sobretudo ao processo de consolidação do quarteto de cordas e da sinfonia –, a verdade é que o género operático – fossem a sua criação, direcção ou produção – figurou entre as responsabilidades mais absorventes que lhe foram atribuídas, durante vários anos, no âmbito da sua actividade profissional ao serviço da poderosa família Eszterházy.

Mas a sua familiaridade com o universo vocal e dramático começou a ser forjada muito antes dessa fase[1]. Após a expulsão do coro da Catedral de Santo Estêvão, em Viena, por altura da mudança de voz, o jovem Haydn enfrentou um período de grande incerteza material, subsistindo do mercado das aulas particulares e de actuações como instrumentista em serenatas e serviços religiosos. Num percurso de aprendizagem da composição marcado pelo autodidactismo, o ponto de viragem no seu contacto com o teatro musical deu-se no início da década de 1750, ao tornar-se assistente e acompanhante do compositor e mestre de canto italiano Nicola Porpora (1686-1768), uma das figuras mais prestigiadas da chamada escola napolitana. Em troca de serviços domésticos e de acompanhamento ao cravo nas aulas de Porpora, Haydn adquiriu em primeira mão os segredos da técnica vocal italiana, do recitativo e da prosódia dramática, absorvendo o *métier* fundamental que alimentaria a sua subsequente produção cénica. A sua primeira incursão enquanto compositor neste campo data ainda desses anos, com a comédia *Der krumme Teufel* (um *Singspiel*, com diálogos falados em alemão), que se perdeu completamente. A peça tinha sido encomendada por Joseph Felix von Kurz, um importante actor cómico da época, cuja companhia actuava no Kärntnertortheater, um dos principais teatros vienenses, onde foi estreada com bastante sucesso em 1753.

O estabelecimento da relação profissional de Haydn com a casa Eszterházy, em 1761, marcaria de forma indelével a sua carreira, impulsionando também a sua dedicação ao teatro de ópera[2]. Admitido inicialmente como *vice-Kapellmeister* ao serviço daquela que era uma das mais abastadas famílias da nobreza europeia

1 Ver H. C. ROBBINS LANDON, *Haydn: Chronicle and Works I: the Early Years*, *1732-1765*, Bloomington: Indiana University Press, 1978, pp. 83-249; e Philip G. DOWNS, *Classical Music: The Era of Haydn, Mozart, and Beethoven*, New York/London: W. W. Norton, 1992, pp. 202-210.

2 Ver ROBBINS LANDON, *Haydn: Chronicle and Works I*..., pp. 304-485; e DOWNS, *Classical Music*..., pp. 211-234.

– prova do prestígio de que o compositor já gozava –, Haydn começou por assumir a reorganização da orquestra, a gestão do pessoal e a composição de música instrumental para a corte, enquanto a vertente sacra permanecia sob a tutela do veterano Georg Joseph Werner (1693-1766). A sucessão do príncipe Paul Anton por Nikolaus, *o Magnífico*, logo em 1762, e a subsequente morte de Werner, em 1766, viriam a redefinir as suas funções: ascendendo a *Kapellmeister*, Haydn assumiu a liderança global da vida musical no novo e sumptuoso palácio de Eszterháza, mandado erguer por Nikolaus à imagem de Versalhes. Equipado com um faustoso teatro de ópera e um teatro de marionetas, o novo complexo foi o lugar de uma intensa actividade músico-teatral, assumindo Haydn a responsabilidade directa de compôr, adaptar e dirigir um vasto repertório operático.

Durante a produtiva década de 1760, a criação operática de Haydn conheceu uma maturação assinalável, desde as primeiras experiências perdidas – sobreviveram apenas fragmentos de *La marchesa Nespola* e de *Acide* (1762) – até ao domínio consolidado dos códigos da comédia musical italiana. *La canterina* (1766), o seu primeiro *intermezzo* integralmente preservado, parece ter representado um ponto de viragem. Dois anos mais tarde, para a inauguração do teatro de Eszterháza, Haydn adaptou uma peça de Carlo Goldoni em *Lo speziale* (1768). E a década encerrou com *Le pescatrici* (1769/1770), também sobre texto de Goldoni, que era a sua produção mais ambiciosa até então.

A década de 1770 foi o período de maior efervescência na actividade operática de Haydn, cuja fama se estendia cada vez mais pelo espaço germânico e europeu[3]. O estabelecimento de temporadas anuais de ópera em Eszterháza, a partir de 1776, por decisão do príncipe Nikolaus, impôs ao compositor um ritmo de trabalho avassalador, o qual envolvia a direcção de cerca de uma centena de récitas por ano, a adaptação das partituras de outros compositores (através de cortes, reorquestrações e árias de substituição, como era prática na época), para além de compôr um número significativo de novas óperas. Apesar de um trágico incêndio, em 1779, ter destruído o teatro, assim como vários dos seus manuscritos, sobreviveu um conjunto expressivo de obras que atesta um notório salto qualitativo. Entre *Singspiele* para marionetas (*Philemon und Baucis*, 1773, e *Die Feuersbrunst*, 1775--78), há a registar, no campo da ópera cómica, *L'infedeltà delusa* (1773), *L'incontro improvviso* (1775), *Il mondo della luna* (1777), também a partir de Goldoni, e *La vera costanza* (1778-79), assim

3 Ver H. C. ROBBINS LANDON, *Haydn: Chronicle and Works II: Haydn at Eszterháza, 1766–1790*, Bloomington: Indiana University Press, 1978, pp. 118-265; e DOWNS, *Classical Music*..., pp. 238-257.

como, no registo sério, *L'isola disabitata* (1779), esta sobre libreto de Metastasio.

Por fim, nas décadas de 1780 e 1790, é possível identificar um último conjunto de óperas representativas do seu ponto mais maduro neste campo[4]. Em 1781, a reinauguração do teatro de Eszterháza proporcionava a estreia de *La fedeltà premiata*, mais um *dramma giocoso*, a que se seguiu *Orlando Paladino* (1782), um *dramma eroicomico* que se ergue como a sua obra-prima no género cómico, e, finalmente, *Armida* (1784). Após este regresso à *opera seria*, remeteu a sua actividade operática em Eszterháza essencialmente à composição de árias de substituição. A morte do príncipe Nikolaus, em 1790, e o desmantelamento de praticamente toda a actividade musical do palácio pelo seu sucessor, Anton, concederam a Haydn maior autonomia profissional. E foi no contexto da primeira das duas digressões que faria a Londres nos anos seguintes, em 1791-1792, contratado pelo empresário de concertos Johann Peter Salomon, que concebeu a sua última ópera, *L'anima del filosofo* (1791), sobre o mito de Orfeu e Eurídice, a qual não chegaria a subir à cena devido a um diferendo com o King's Theater.

Não obstante a estima que o próprio Haydn manifestou pela sua produção dramática, a posteridade acabou por votar as suas óperas a uma injusta margem de esquecimento, obscurecidas tanto pela importância que a sua música sinfónica e de câmara assumiu, como pela sombra projectada por Gluck e Mozart[5]. O preconceito historiográfico que consagrou Haydn como um compositor dramático de alcance limitado assenta, porém, numa grelha de leitura anacronística, que julga as suas obras cénicas das décadas de 1760 e 1770 à luz dos modelos tardios gluckianos ou mozartianos e desconsidera a natureza da sua actividade em Eszterháza. Com efeito, o quotidiano do compositor revela a figura de um homem de teatro profundamente empenhado em todos os níveis do processo cénico, desde a selecção de repertório e adaptação de partituras de terceiros até à regência de centenas de récitas por temporada. E, se é certo que as suas óperas raramente circularam fora dos domínios da casa Eszterházy, mantendo-se à margem do circuito comercial europeu, também é verdade que a situação de isolamento de Haydn operou apenas numa direcção: a riquíssima biblioteca musical e a programação do palácio proporcionaram-lhe um contacto frequente e um conhecimento íntimo das últimas novidades da ópera italiana. A sua produção

4 Ver ROBBINS LANDON, *Haydn: Chronicle and Works II*..., pp. 517-553; e DOWNS, *Classical Music*..., pp. 423-476.

5 Ver Jessica WALDOFF, «Sentiment and sensibility in *La vera costanza*», *in* W. Dean SUTCLIFFE, *Haydn Studies*, Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 73-80.

operática revela, assim, a aplicação do seu imenso domínio técnico a um laboratório dramático singular, estando longe de constituir um capítulo menor no seu percurso criativo.

2. Carlo Goldoni e o teatro musical

Entre as quatorze óperas italianas que constam no catálogo de Haydn, três recorrem a libretos de Goldoni — *Lo speziale* (1768), *Le pescatrici* (1769) e *Il mondo della luna* (1777) —, uma opção que inscrevia o compositor num movimento mais alargado de interesse pela obra revolucionária do célebre dramaturgo veneziano[6].
O processo de consolidação da *opera buffa* enquanto género autónomo e maduro no século XVIII teve um dos seus principais centros em Veneza, cidade onde a dinâmica da prosperidade burguesa e a avidez de um público heterogéneo por espectáculos públicos alimentavam uma cultura teatral extraordinariamente competitiva. Se até meados do século os palcos venezianos tinham sido dominados pela *opera seria* e pela tradição da comédia de máscaras, a década de 1740 assistira à ascensão do novo género cómico, que rapidamente encontrou na República Sereníssima o seu principal laboratório de inovação. Foi justamente em Veneza, por intermédio da célebre e frutuosa colaboração entre o dramaturgo Carlo Goldoni (1707-1793) e o compositor Baldassare Galuppi (1706-1785), que a *opera buffa* atingiu a sua primeira fase de maturação estética.

Goldoni deixou, de facto, uma marca indelével no campo da comédia, com cerca de 15 *intermezzi* e mais de 50 *drammi giocosi* criados em Veneza entre 1749 e 1762. Após as primeiras experiências na década de 1730 com textos de *intermezzo* para companhias de *commedia dell'arte* e a sua estreia na *opera buffa* com *La contessina* (1743) – então em colaboração com o compositor Vincenzo Ciampi –, Goldoni interrompeu temporariamente a actividade teatral para estudar direito em Pisa. Ao regressar a Veneza em 1748/49, num momento de plena expansão da ópera cómica, foi contratado para escrever libretos, vindo rapidamente a monopolizar o sector na cidade. E foi nessa temporada de 1748/49 que iniciou a célebre parceria com Galuppi, o prestigiado mestre da *opera seria*, com a criação de *L'arcadia*

6 Ver Giorgio PESTELLI, *The Age of Mozart and Beethoven*, Cambridge: Cambridge University Press, 1984, pp. 41-49; Dennis LIBBY, «Italy: Two Opera Centres», *in* Neal Zaslaw (ed.), *The Classical Era: From the 1740s to the end of the 18th Century*, (Man & Music), London: Macmillan, 1989, pp. 15-60.

in Brenta (1749), uma mordaz sátira da sociedade veneziana contemporânea. O sucesso retumbante que a obra obteve inaugurou uma aliança artística que se prolongaria até 1755, após o que o testemunho da liderança do género acabaria por passar para a escola napolitana.

O papel histórico de Goldoni foi o de um autêntico reformador do teatro cómico. Empenhado em conferir outro tipo de dignidade estética a este registo, substituiu a improvisação vulgar da *commedia dell'arte* por uma comédia escrita, de intenção literária, e transformou o libreto num espelho da vida real, trazendo para a cena as modas do patriciado e da burguesia, o gosto pelo exótico, a sátira às convenções sociais e uma inédita atenção aos ofícios e às classes populares. Esta renovação temática foi também acompanhada da emergência do *dramma giocoso* – um subgénero que propiciava a contaminação e a convergência entre os mundos, até aí estanques, da *opera seria* e da *opera buffa*. Ao introduzir personagens e situações de tom sério e sentimental a par da farsa expectável, Goldoni dotou as personagens de maior densidade e verosimilhança psicológica, oferecendo aos compositores um leque infinitamente mais amplo de nuances expressivas e dramáticas.

Este quadro de inovações reflectiu-se de forma decisiva na própria arquitectura musical da ópera cómica[7]. Para além de se afastarem da rigidez da antiga ária *da capo* em favor de estruturas mais flexíveis e dinâmicas, Goldoni e Galuppi foram também os grandes impulsionadores do *finale buffo*. Em contraste com a alternância estática entre recitativo e ária estabelecida na *opera seria*, o movimento contínuo da comédia exigia que a acção não parasse: naqueles *finales* concertados, as personagens acumulavam-se em palco, com os seus conflitos, sendo as interacções e os apartes minuciosamente indicados no texto, assim desencadeando um *crescendo* multisseccional de eventos e emoções em rápida mutação. Ao dotar a ópera cómica de uma complexidade arquitectónica e de uma sofisticação sem precedentes, a reforma de Goldoni contribuía decisivamente para a elevação do prestígio do género em toda a Europa.

7 Ver Caryl CLARK, «Ensembles and finales», *in* Anthony R. DelDonna & Pierpaolo Polzonetti (ed.), *The Cambridge Companion to Eighteenth-Century Opera*, Cambridge: Cambridge University Press, 2009, pp. 50-65.

3. Do libreto à ópera: alguns aspectos dramatúrgicos

O libreto de Goldoni para *Lo speziale* [*O boticário*] assenta numa comédia preexistente da sua própria autoria, escrita originalmente em Bolonha em 1751, tendo a sua primeira versão operática sido levada à cena no Carnaval da temporada de 1754/55, no Teatro San Samuele, em Veneza, com música conjunta de Vincenzo Pallavicini e Domenico Fischietti[8]. Já a estreia da nova ópera de Haydn sobre esse mesmo libreto teria lugar no Outono de 1768, no palácio de Eszterháza, no âmbito das sumptuosas festividades que assinalaram o dia do nome da princesa Maria Elisabeth, servindo também para inaugurar o novo teatro de ópera da residência principesca. O espectáculo alcançou um êxito estrondoso, a ponto de o príncipe Nikolau Eszterházy ter recompensado generosamente o elenco e a orquestra com gratificações em dinheiro. Embora parte do Acto III da partitura original se tenha perdido, *Lo speziale* viria a ter um papel histórico singular no catálogo do compositor: em 1899, numa versão adaptada e traduzida para alemão por Gustav Mahler, tornou-se a primeira ópera de Haydn a ser redescoberta e representada na era moderna na Ópera de Viena, mantendo até hoje a sua presença nos palcos internacionais.

O enredo desenrola-se através de uma série de episódios típicos da antiga tradição da *commedia dell'arte*, girando em torno da figura do velho e ingénuo boticário Sempronio, cuja obsessão compulsiva por jornais e notícias da actualidade internacional o leva a negligenciar o seu laboratório. Mais do que pela beleza, Sempronio deseja casar com a sua jovem tutelada Grilletta por causa do seu considerável dote, tentando por isso isolá-la do mundo. O seu plano enfrenta, contudo, a concorrência do enamorado, mas tímido aprendiz Mengone – que trabalha na farmácia apenas para estar perto da amada –, bem como do rico e pretensioso Volpino. O Acto I estabelece estes conflitos morais e passionais: entre prescrições médicas ilegíveis e folhetos informativos, Grilletta e Mengone trocam olhares furtivos sob a vista do boticário, enquanto Volpino, desdenhado por Grilletta, conspira para desfazer as intenções do tutor e do rival.

No Acto II, a farsa atinge o seu primeiro momento de rutura. Diante da determinação inflexível de Sempronio em casar com Grilletta para pôr fim às ambições dos pretendentes – e de um acesso de

8 Ver Robbins LANDON, Haydn: Chronicle and Works II..., pp. 238-240; e DOWNS, Classical Music..., pp. 232-233.

fúria de Grilletta, que aceita o pedido do tutor para se vingar da cobardia de Mengone –, o casamento é subitamente agendado. Alertados, Volpino e Mengone agem de forma independente: disfarçam-se ambos de notários e surgem na farmácia para redigir o contrato nupcial. A burla é desmascarada no momento das assinaturas, quando Sempronio descobre que cada um dos falsos notários substitui o nome do noivo pelo seu próprio, desencadeando um caótico *finale* de acusações e desordem.

O Acto III – estruturado em moldes mais breves e cuja partitura chegou até nós incompleta, requerendo uma reconstrução moderna – resolve o nó dramático, precipitando o desfecho com recurso a uma última farsa. Determinado a triunfar, Volpino convence Sempronio de que o Sultão da Turquia procura um boticário europeu a troco de uma fortuna, surgindo logo depois disfarçado de fidalgo turco para levar o velho e casar rapidamente com Grilletta. Alertados para o golpe, Grilletta e Mengone contra-atacam: Mengone disfarça-se igualmente de turco e, com a cumplicidade da amada, engana o absorto boticário, que abençoa o matrimónio sem notar a identidade do noivo. Na hilariante cena de encerramento – para a qual Haydn reservou uma das suas páginas mais inspiradas com recurso à pitoresca «música turca» –, Volpino vê-se forçado a desmascarar-se e a admitir a derrota, enquanto Sempronio aceita com resignação o casamento dos dois jovens e vê desvanecer-se a sua ilusão de riqueza no Levante.

O encontro de Haydn com o universo goldoniano revelou-se um terreno de excepcional fertilidade criativa. Sendo esta a primeira das suas três incursões na obra do dramaturgo veneziano, *Lo speziale* foi musicada a partir de uma adaptação do libreto original de 1752, levada a cabo muito provavelmente por Carl Friberth, cantor e libretista na corte de Eszterházy (que interpretou o papel de Sempronio e que, em 1775, seria o autor do libreto de *L'incontro improvviso*), talvez para corresponder ao elenco de cantores disponíveis[9]. Esta revisão reduziu e simplificou bastante a trama, expurgando duas *parti serie* (Albina e Lucindo), bem como um papel cómico secundário (Cecchina), assim apagando os elementos que inseriam a peça na linha do *dramma giocoso*. Adequada às dimensões da companhia local e ao gosto do meio, a obra transformou-se numa *opera buffa* assente numa farsa de ritmo vertiginoso, mais próxima do espírito da *commedia dell'arte*, focada exclusivamente nas *partie buffe* e nas dinâmicas que estabelecem entre si num espaço fechado. Este quarteto cómico incluía o alucinado boticário Sempronio, a sua perspicaz tutelada

9 Ver Robbins LANDON, *Haydn: Chronicle and Works II*..., pp. 238-240; e DOWNS, *Classical Music*..., pp. 232-233.

Grilletta, o tímido aprendiz Mengone e o pretensioso Volpino (escrito para meio-soprano *en travesti*).

Longe de empobrecer a peça, esta destilação dramática preservou, intacta, a frescura da linguagem de Goldoni, a vivacidade dos seus diálogos e a mestria no desenho psicológico dos tipos cómicos. A estrutura de *Lo speziale* assenta directamente sobre os arquétipos da *commedia dell'arte*, mas reconfigurados de acordo com o espírito da sua reforma teatral, que procurou humanizar as máscaras rígidas através de uma profunda densidade psicológica e verosimilhança social. E o trabalho composicional de Haydn traduz esta matriz relacional para a linguagem operática, subvertendo por vezes as convenções vocais da *opera buffa* italiana na atribuição a cada figura de uma identidade dramático-musical vincada.

No centro da intriga, o boticário Sempronio herda a autoridade patriarcal e a ganância de Pantalone, o velho avaro e dominador. Contudo, a sua obsessão é inicialmente deslocada da riqueza para a geopolítica e para a leitura compulsiva de jornais. Haydn subverte a convenção ao confiar o papel a uma voz de tenor em vez do habitual *basso buffo*: esta escolha confere-lhe uma agilidade vocal quase neurasténica, marcada por uma dicção bem ritmada e por saltos melódicos curtos, que espelha o seu desajuste mental e a sua alheação da realidade na sua própria botica. Em contrapartida, a pupila e os pretendentes integram hibridismos interessantes. Grilletta, numa voz de soprano, combina a beleza da Innamorata com a vivacidade pragmática da Columbina, afirmando a sua autonomia através de uma escrita vocal frequentemente virtuosística e irónica. O aprendiz Mengone funde o servo braçal (Zanni) com o amante sincero (Innamorato), estando a personagem a cargo de um tenor frequentemente mais lírico e afectuoso, que encarna a sua verdade emotiva. Por fim, o rival aristocrático Volpino reconfigura a jactância do Capitano na figura de um dândi rico. Ao atribuir este papel masculino a um soprano *en travesti*, com a sua voz aguda de tom afectado, Haydn acentua a caricatura da virilidade e da arrogância da personagem.

Para além da caracterização psicológica e vocal das personagens, a mecânica da acção em *Lo speziale* mobiliza directamente os recursos estruturais e as convenções da tradição da *commedia dell'arte* e da comédia de enganos. O motor do enredo assenta num triângulo cómico ampliado, no qual três (e não duas) figuras masculinas de estrutura e motivação diversas – o tutor ganancioso, o jovem aprendiz sincero e o dândi vaidoso – disputam o favor da mesma mulher. A este esquema dinâmico, que multiplica as combinações de conflito, soma-se a integração musical do *lazzo*

– a acção cómico-gestual e verbal repetitiva que aqui caracteriza a *fissazione* da personagem –, um dispositivo que na *commedia dell'arte* era habitualmente improvisado, mas que a reforma de Goldoni fixou como uma convenção dramatúrgica escrita. Isto observa-se nas constantes e inoportunas interrupções de Sempronio, que trava o diálogo amoroso para declamar passagens de jornais e notícias geopolíticas mais ou menos absurdas, momentos a que Haydn faz corresponder rupturas no fluxo melódico, introduzindo acentos marciais que troçam das interposições daquela personagem. Por fim, a resolução do conflito no Acto III mobiliza o fascínio setecentista pela *turquerie* para accionar o recurso dramatúrgico da anagnórise – o reconhecimento da verdadeira identidade das personagens após o engano – como o próprio motor do final feliz.

A relação texto-música revela a extraordinária agilidade dramática de Haydn, que mobiliza uma variedade de recursos nas inúmeras oportunidades cómicas que o libreto oferece. Cada inflexão da acção cénica é contrapontada pela música em tempo real, através de constantes mutações de andamento, métrica, ritmo e dinâmica. A exigência vocal imposta aos intérpretes é acompanhada de um apurado sentido de construção dramática, e a orquestra, longe de se limitar apenas a um papel de suporte harmónico, funciona frequentemente como um comentador cómico. Os contrastes estilísticos são, com efeito, uma das mais importantes ferramentas paródicas. Há passagens em que é implementado um tratamento eminentemente silábico e ritmicamente acelerado do texto italiano, mimetizando a vivacidade e a tagarelice do quotidiano. Entre os momentos mais audaciosos, refira-se a ária inicial de Mengone ("Tutto il giorno pista, pista"), em que a voz e a orquestra reproduzem o bater mecânico do pilão no almofariz; uma outra ária de Mengone ("Per quel che ha mal di stomaco"), em que a partitura descreve imaginativamente os distúrbios gástricos e as virtudes dos purgantes; a ária de Volpino ("Amore nel mio petto"), em que Haydn recorre, em sol menor, à retórica trágica de um simulado *Sturm und Drang*; e a ária em que a jovem Grilletta exprime o seu afecto com uma música de um lirismo comovente ("Caro Volpino amabile").

Os números de conjunto revelam, na sua arquitectura, um compositor ao corrente do dinamismo de que a *opera buffa* vivia neste campo, sendo esses momentos substancialmente enriquecidos pela configuração do triângulo cómico ampliado. Enquanto o recitativo acelera a trama e a ária tende a isolar o monólogo de reflexão psicológica, é nos duetos, tercetos e *finales* de acto que a acção se desenrola em tempo real através da sobreposição polifónica de múltiplos focos dramáticos. A mestria teatral de Haydn é notória, por exemplo, no modo como

gere a ironia dramática em planos simultâneos: no *Finale* do Acto I, enquanto Sempronio declama manchetes de jornais ou se distrai a procurar o atlas e o compasso, Mengone e Grilletta trocam juras de amor em contracanto às suas costas, revelando ao público a verdade que o velho boticário ainda ignora, até ao momento em que os surpreende em flagrante e começa a discussão. Aqui, tal como no *Finale* do Acto II, a escrita do compositor acompanha a par e passo cada movimento cénico, por mais insignificante que possa parecer, através de mudanças inesperadas de andamento, métrica e dinâmica, produzindo quadros de notável eficácia teatral.

A presença destacada da *turquerie* no Acto III está ligada directamente com uma das linhas de força da produção goldoniana e com o imaginário do século XVIII europeu: o profundo fascínio pelo exotismo oriental[10]. Na Europa Central do Iluminismo – e muito em particular no Império Habsburgo –, a relação com o mundo otomano vivia uma singular ambivalência psicológica. Se, por um lado, as memórias dos cercos de Viena e das Grandes Guerras Otomanas do século anterior ainda mantinham viva uma réstia de receio atávico, por outro lado, a progressiva neutralização da ameaça militar havia transformado o Oriente num território de pura atracção estética. Goldoni alimentou com frequência esse gosto pela cenografia exótica, e o libreto que seria adaptado para o teatro de Eszterháza explora-o como catalisador cénico ideal: o aparecimento de Volpino e Mengone sob as vestes de emissários turcos não funciona como mero adereço, mas como o motor dramatúrgico que explora a ambição e a ingenuidade de Sempronio, forçando o desfecho matrimonial. No plano estritamente musical, é no ponto culminante do Acto III que Haydn traduz esta fascinação com estrondoso efeito cómico. Recorrendo ao tópico da "música turca" – caracterizado nomeadamente pela sua vivacidade, ritmos marcados e orquestração colorida –, o compositor concebe mais uma página de grande eficácia dramática (antecipando o filão que Mozart exploraria, em 1782, em *Die Entführung aus dem Serail*).

Lo speziale insere-se, afinal, na linha da *commedia degli equivoci* (comédia de enganos), modelo que dominou a dramaturgia europeia do século XVIII ao evoluir da farsa predominantemente mecânica do Barroco para uma refinada ferramenta de revelação moral e social do Iluminismo. Ao reformar a comédia italiana, Carlo Goldoni preserva a eficácia cénica do jogo de máscaras e mal-entendidos, mas reprograma a sua finalidade: o teatro cómico deixa de ser mero entretenimento de feira para se assumir como uma verdadeira escola de costumes, onde a mentira cénica não serve para ocultar a realidade, mas para funcionar como um espelho moral e uma

10 Ver PESTELLI, *The Age of Mozart and Beethoven*..., pp. 41-49.

armadilha que expõe o ridículo, o vício e a tirania. Goldoni e Haydn articulam esta tradição em três níveis fundamentais: a ilusão de identidade (em que os falsos notários e a *turquerie* combinam enganos visuais e jargões pseudo-orientais para adulterar a realidade), a ironia dramática baseada no duplo plano cénico (em que a orquestra e os jovens amantes tornam o público cúmplice da verdade enquanto a vítima permanece na ignorância) e, sobretudo, o autoengano. A mania compulsiva de Sempronio pelos jornais e pela geopolítica aliena-o do mundo real, tornando-o vulnerável ao logro exterior, precisamente por se recusar a ver o que se passa na sua própria botica. Assim, longe de se esgotar num jogo de peripécias inconsequentes, o engano assume uma função ética e pedagógica tipicamente setecentista: transforma-se no instrumento legítimo para punir a pretensão de classe e a vaidade, desarmar a autoridade do velho tutor e restaurar a ordem natural através do triunfo da afeição genuína entre Mengone e Grilletta.

(O autor escreve ao abrigo do antigo acordo ortográfico)

ELENCOS DE ESTREIA



ESTREIA ABSOLUTA

Teatro Eszterháza, Hungria
Outono de 1768

SEMPRONIO
Carl Friberth

GRILLETTA
Maddalena Spangler

MENGONE
Leopoldo Dichtler

VOLPINO
Barbara Dichtler

DIREÇÃO MUSICAL
Joseph Haydn

ESTREIA EM PORTUGAL

Teatro Nacional São João, Porto
17 de julho de 1999

SEMPRONIO
Mário João Alves

GRILLETTA
Dora Rodrigues

MENGONE
Jean-François Novelli

VOLPINO
Sara Braga Simões

ENCENAÇÃO
Ana Luísa Guimarães

CENOGRAFIA
Nuno Lacerda Lopes,
Teresa Grácio

FIGURINOS
Nuno Carinhas

DIREÇÃO MUSICAL
Bertrand Brouder


111
Lo Speciale.
G. Zuliani inc.

ARGUMENTO

ATO I

Mengone, o aprendiz de Sempronio, encontra-se na farmácia do seu mestre e queixa-se do seu trabalho monótono e aborrecido. Quando Sempronio chega, ficamos de imediato a conhecer as suas excentricidades: passa o dia inteiro a ler jornais, absorto nas manchetes. Numa delas, lê: «Em Paris, um farmacêutico casa-se com a sua pupila.» Isso leva-o a refletir sobre a sua própria situação e sobre Grilletta, a sua pupila, não tanto pela sua aparência, mas sim pela sua riqueza. Por conseguinte, tenta mantê-la afastada do resto do mundo para evitar concorrência masculina indesejada.

Entretanto, Volpino, que está interessado em Grilletta, dirige-se à farmácia, alegando ter duas receitas para aviar. Volpino quer falar imediatamente com Sempronio, mas este encaminha-o para Mengone. Afinal de contas, Sempronio tem coisas mais importantes para fazer: ler o jornal.

Enquanto Mengone se prepara para aviar as duas receitas ilegíveis, Volpino tenta obter mais informações sobre Grilletta, mas Mengone não se mostra muito recetivo. Este último também está apaixonado por Grilletta, mas está mais bem posicionado para a conquistar. Após a saída de Mengone da sala, Volpino também se prepara para sair, mas cruza-se com Grilletta. Esta rejeita-o friamente, quanto mais não seja devido ao seu tutor. Volpino tenta imediatamente quebrar a sua reserva com uma provocação, já que está a par do seu caso amoroso com Mengone; porém, é rejeitado com indignação por Grilletta.

Grilletta parte e Volpino chega a uma triste conclusão.

Na cena seguinte, Mengone encontra Grilletta, que pretende esclarecer finalmente a “relação” entre ambos. No entanto, Mengone teme Sempronio, o que provoca incompreensão e irritação em Grilletta. Os dois aproximam-se, mas são interrompidos por Sempronio, que, como é de esperar, quer saber imediatamente o que está a acontecer. Grilletta explica que se aproximou de Mengone porque este começou de repente a sentir-se mal. Sempronio verifica rapidamente o pulso de Mengone, mas os seus pensamentos já estão no jornal. Atribui uma tarefa a cada um, pelo que os jovens acabam por permanecer juntos. O amor está no ar! Grilletta e Mengone aproveitam a distração de Sempronio para começarem a namoriscar. Sempronio, entretanto absorvido na consulta de um atlas, apercebe-se subitamente de que precisa de uma bússola e sai da sala por uns instantes. Mengone e Grilletta aproveitam a oportunidade, mas Sempronio regressa rapidamente e apanha-os em flagrante.

ATO II

Sempronio sente-se muito indignado com o compôrtamento do casal “traidor”. Para agravar a situação, Volpino aparece também e, de forma desajeitada, pede a mão de Grilletta em casamento. Sempronio recusa de forma categórica. No entanto, apesar do seu pedido pouco elegante, Volpino consegue chamar a atenção de Sempronio com uma notícia falsa de jornal: «Em França, um tutor que impediu a sua pupila de casar foi punido com chicotadas.»

Sempronio não parece compreender a situação e está mais determinado do que nunca a deixar tudo bem claro: se o namoro não terminar, haverá problemas! Grilletta tornar-se-á sua esposa – e agora está tudo dito.

Mengone não consegue suportar esta ameaça. Ao contrário de Grilletta, que rapidamente recupera a compostura após a explosão de raiva de Sempronio, Mengone fica profundamente abalado, o que a deixa bastante irritada. Ela dá-lhe duas opções: um compromisso com o seu amor ou a separação. Mengone não tem coragem para escolher e, então, Grilletta abandona sem hesitar aquele “antro”.

Mengone fica deprimido. Quer consolar Grilletta, mas não sabe como, pelo que desaparece de cena. Entretanto, Grilletta está tão furiosa que, naquele momento, aceitaria casar-se com quem quer que a pedisse em casamento. Nesse momento, Sempronio chega e faz-lhe o pedido, não sem antes salientar as vantagens de se casar com um “cavalheiro maduro e estável”. Para sua surpresa, Grilletta aceita sem hesitar, precisamente para se vingar de Mengone. Na esperança de ouvir um “sim”, e para concretizar a aliança o mais depressa possível, Sempronio chamara antecipadamente um notário, mesmo antes de falar com Grilletta. Volpino e Mengone descobrem o plano de Sempronio, cada um por sua conta. Ambos querem uma última oportunidade e, por isso, fingem ser notários. Sempronio fica um pouco confuso, pois só nomeara um notário. No entanto, como nenhum deles está disposto a desistir ou a abdicar dos seus honorários, acaba por aceitar os dois – afinal, dois é sempre melhor que um. Por seu lado, Grilletta fica desconfiada.

É redigido um contrato de casamento entre Grilletta e Sempronio, ditado por este último e escrito pelos dois “notários”. No momento de assinar o contrato, Sempronio e Grilletta pedem para o ler primeiro. É nesse momento que a farsa é desmascarada. No contrato elaborado pelo “notário Volpino”, o nome “Sempronio” foi substituído por “Volpino”, ao passo que, no contrato elaborado pelo “notário Mengone”, o nome foi alterado para “Mengone”. O casamento é cancelado e a cerimónia termina em confusão.

ATO III

(As cenas 1 a 3 não constam da partitura deste ato e a cena 4 está incompleta, pelo que apenas o respetivo libreto pode ser aqui reproduzido.)

Decidido a conquistar Grilletta, Volpino arranja uma nova ideia criativa e leva a Sempronio notícias da Pérsia e da Turquia. Inicialmente desconfiado, a curiosidade de Sempronio acaba por prevalecer e lê o artigo do jornal. «O rei das Molucas está disposto a gastar uma grande quantia para contratar um farmacêutico para o seu país, a fim de evitar epidemias e doenças.» Antecipando uma grande fortuna, Sempronio concorda de imediato e prepara-se para deixar a sua terra natal. Certo da vitória, Volpino já imagina um futuro com Grilletta.

Entretanto, Grilletta e Mengone fazem as pazes. Por seu lado, Volpino disfarça-se de turco e vai buscar Sempronio. Tenta casar-se rapidamente e de forma dissimulada com Grilletta — afinal, Sempronio também deve pensar na sua pupila e assegurar-se de que esta fica bem entregue. Sempronio, pensando na riqueza que o aguarda na Turquia, concorda de imediato.

Grilletta e Mengone descobrem igualmente o plano pérfido de Volpino, pelo que este decide também disfarçar-se de turco. Em seguida, Grilletta apresenta Sempronio, o seu tutor, ao turco com quem se vai casar. Sempronio, pensando apenas no dinheiro, concorda mais uma vez. «Podes casar-te com quatro turcos», afirma ele. A cerimónia do casamento é realizada rapidamente, permitindo-lhes levar a melhor sobre Volpino. Ao regressar, este não tem outro remédio senão admitir a derrota. Furioso, retira o disfarce.

Agora, Sempronio tem de aceitar que foi redondamente enganado. Não haverá Turquia nem Grilletta. No final, os dois homens acabam por aceitar a derrota.



LIBRETO

ATTO PRIMO

SCENA PRIMA

Bottega da speziale co' suoi utensigli.
Mengone, che sta pistando in un Mortaio.

Mengone

Tutto il giorno pista, pista
O che vita amara, trista!
E nel cor'
Sento amor
Che anche lui pistando và
Pista, pista quá, e là.
Affè quell' ammalato,
Che piglia questa china, vuol star bene.
Il mio caro Padrone
E un di quei speziali
Che non bada ne a vasi, ne a ricette,
E altro studio non ha, che le gazzette:
Ed io povero gramo,
Che so leggere appena un tantinino,
Dispenso ora da questo, or da quel vaso
Le medicine agl'ammalati a caso.

Tutto il giorno pista, pista
Oh che vita amara, e trista
Oh che vita...

SCENA SECONDA

Sempronio, con un foglio in mano, e Mengone.

Sempronio

Oh bellissima nuova!
Trovato hanno gl'Indiani
Un'invenzion nell'Isole Molucche
Di far col fil di ferro le perrucche.

Mengone

Ehi Signor, questa China...

PRIMEIRO ATO

PRIMEIRA CENA

Laboratório de boticário com os seus utensílios.
Mengone está ocupado a pisar num almofariz.

Mengone

Todo o dia pisa, pisa
Oh que vida amarga, triste!
E no coração
Sinto o amor
E também ele vai pisando
Pisa, pisa cá e pisa lá.
Decerto aquele doente,
Que leva esta quina, quer ficar bom.
O meu caro Patrão
É um daqueles boticários
Que não liga a potes nem a receitas,
E seus únicos estudos são as gazetas
E eu pobre desgraçado,
Que só pouquinho sei ler,
Vendo ora deste, ora daquele pote
Ao acaso os remédios aos doentes.

Todo o dia pisa, pisa
Oh que vida amarga, triste!
Oh que vida...

SEGUNDA CENA

Sempronio, com um papel na mão, e Mengone.

Sempronio

Oh belíssima notícia
Os indianos descobriram
Uma invenção nas ilhas Molucas
Para fazer com arame as perucas.

Mengone

Dizei senhor, esta quina...

Sempronio

Appunto nella China
Un uomo Moscovito
Gravido si è scoperto, e ha portorito.

Mengone

Davvero!

Sempronio

Non lo senti
Lo dicono gl'avvisi.

Mengone

Or mi viene in pensiero...
Oh Caro Padron mio
Oh se potessi partorire anch'io...
Sol per l'onesto fine
Di pigliar cento mille genovine.

Sempronio

Senti, senti: A Parigi,
Il mio caso medemo originale,
Eravi uno speziale
Tutor d'una Pupilla
Bella, ricca, e garbata,
Ed ei per carità se l'è sposata.
Ah! non par, che si parli
Di grilletta, e di me?

Mengone

Ma, che sposata
L'abbiate, io non lo so.

Sempronio

Non l'ho sposata, ma la sposeró.

Mengone

Di grazia: si potrebbe saper
Quando la maritate?

Sempronio

Precisamente na China
Descobriu-se que um homem moscovita
Estava grávido e deu à luz.

Mengone

Não me diga!

Sempronio

Não ouves?
É o que dizem as notícias.

Mengone

Tive agora uma ideia...
Ó meu querido Patrão
Ah, pudesse eu também dar à luz...
Só pelo honesto fim
De ganhar cem mil moedas de ouro.

Sempronio

Ouve, ouve: em Paris,
Um caso igualzinho ao meu,
Havia lá um boticário
Tutor de uma pupila
Bela, rica e gentil,
E ele por caridade desposou-a.
Ah, não te parece que é de mim
E da Grilletta que estão a falar?

Mengone

Mas que a tenha desposado
Não me consta.

Sempronio

Não a desposei, mas hei de desposar.

Mengone

Desculpai, pode-se saber
Quando vos casais com ela?

Sempronio

(legge.)

Le Navi caricate
Verso Ceffalonia
Han fatto vela, e son andate via.

Mengone

Un dì sulle gazzette
Si sentirà questa gentil novella,
Che vostra Pupilla l'ha fatta bella.

Sempronio

Questa non la capisco.

(legge.)

In Persia, odi Mengone,
In Persia, in Babilonia
Il Soffà ha preso moglie.
Il Soffà non vuol dir un seggiolone?

Mengone

E per questo, Padrone,
Non si può dar? perche?
Il Soffà, o il Canapè
Sarà in virtu di qualche testa buona
Congiunto in Matrimonio a una Poltrona.

Sempronio

La Peste ha fatto stragge in la turchia.

SCENA TERZA

Volpino, e detti.

Volpino

Servo, signor speziale.

Sempronio

(Oh, la Peste è un gran male)

Volpino

Signor Sempronio.

Sempronio

(lê.)

Os Navios carregados
Rumo a Cefalónia
Levantaram ferro e partiram.

Mengone

Um dia nas gazetas
Ainda há de vir a bela história
Da vossa Pupila que se fez ao largo.

Sempronio

Esta aqui não percebo.

(lê.)

Na Pérsia, ouve esta, Mengone,
Na Pérsia, na Babilónia,
O Sofá tomou esposa.
Mas um Sofá não é um Divã?

Mengone

E então, Patrão,
Porque não há de ser? Porque não?
O Sofá, ou o Divã,
Por obra de alguma cabeça pensante
une-se em matrimónio a uma Poltrona.

Sempronio

A Peste causou estragos na Turquia.

TERCEIRA CENA

Volpino e os mesmos.

Volpino

Um vosso criado, Senhor boticário.

Sempronio

(Oh, a Peste é uma grande desgraça)

Volpino

Senhor Sempronio.

Sempronio

(legge.)

Padron mio.

Volpino

Dica.

Sempronio

Cosa volete?

Volpino

Certo medicamento, o Sia pozione.

Sempronio

Parlate con Mengone.

Mengone

Si, parlate con me
Datemi la ricetta.

Volpino

Eccola (già son qui sol per Grilletta)

Sempronio

Dite, Signor mio
Siete voi dilettante di novelle?

Volpino

Signor si.

Sempronio

Questa è una nuova grande.

(leggendo.)

Un Satrapo nell'Indie
A far l'amor un dì fù ritrovato,
E'l pover uomo fù tosto impalato.
Questa è un'altra novitá,
Oh sentite, come sta.
Fra l'arena di Verona,
E la torre di Cremona

Sempronio

(Continuando a ler.)

Meu caro Senhor.

Volpino

Dizei.

Sempronio

Que quereis?

Volpino

Um certo medicamento, ou antes uma poção.

Sempronio

Falai com o Mengone.

Mengone

Sim, falai comigo.
Dai-me cá a receita.

Volpino

Aqui está (Só cá vim por causa da Grilletta)

Sempronio

Dizei-me, caro Senhor,
Interessais-vos por notícias?

Volpino

Sim, Senhor.

Sempronio

Esta aqui é notável.

(lendo.)

Um sátrapa nas Índias
Foi encontrado um dia a namorar,
E o pobre homem logo ali foi impalado.
Aqui está mais uma nova,
Oh, escutai o que diz.
Vai-se julgar uma querela
Entre a Arena de Verona

Una lite si farà
Di pretesa Anzianità.
L'una prova la lunghezza,
L'altra prova la larghezza
Per la loro nobiltá.
E di Roma il collosseo
La gran lite scioglierà.

(parte.)

SCENA QUARTA

Volpino e Mengone.

Volpino

Mengon Amico
Preparatemi presto la pozione.

Mengone

Ora tosto vi servo.

Volpino

Via...

Mengone

Non abbiate fretta
(Diavolo, non intendo la ricetta)

Quel dottore
Ha scritto molto male,
Non so, se dica qui Spirito, o Sale.
Oh che robba! queste qua
Non so, se siano oncie, o se sian dramme.

Volpino

Amico in cortesia,
Grilletta la pupilla
Sta bene?

Mengone

Si Signore.
Maledetto Dottore
Non l'intendo, ne l'intenderò,
Ma la pratica adesso adoprerò.

E a Torre de Cremona
Sobre qual é mais antiga.
Uma alega o comprimento
Outra alega a largura
Como prova de nobreza.
E será o Coliseu de Roma
A decidir a querela.

(sai.)

QUARTA CENA

Volpino e Mengone.

Volpino

Mengone Amigo,
Preparai-me depressa a poção.

Mengone

Já vos sirvo num instante.

Volpino

Rápido...

Mengone

Não tenhais pressa
(Diacho, não entendo a receita)

Este doutor
escreve muito mal,
Não sei se diz «Elixir» ou «Sais».
Oh, que diabo! E isto aqui
Não sei se são «onças» ou se são «dracmas».

Volpino

Dizei-me, amigo, por favor,
Grilletta, a pupila,
Está bem?

Mengone

Está sim, Senhor.
Maldito Doutor
Não o entendo, nem o entenderei
Mas agora vou seguir a prática.

Volpino

Si potrebbe a Grilletta
Dir due parole?

Mengone

Questa è un'altra ricetta,
Mio Signore, voi l'intendete male,
Io non faccio il mezzan, fo lo speziale.

Volpino

Via, via non vi alterate,
Fatemi la ricetta,
E questa ancora,

(gli da un altra ricetta.)

Poi perdonate.

Mengone

Dite, per chi servire
Deve il medicamento?

(guardando le due ricette.)

Volpino

Per uno, che patisce indigestione.

Mengone

Buono; e questa pozione
Per chi voi la prendete?

Volpino

Per uno, che non può...
se m'intendete.

Mengone

Ho inteso, sarete presto servito.

Per quel che ha mal di stomaco,
Vi vuol del Reobarbaro;
Per quel, che ha il corpo stitico,
La Manna oprerà.
Presto portate qua:

(ad un giovine)

Volpino

Seria possível
Dar uma palavrinha à Grilletta?

Mengone

Isso é outra receita,
Caro Senhor, estais enganado,
Eu não sou alcoviteiro, sou boticário.

Volpino

Vá, vá, não vos zangueis,
Aviai-me essa receita
E também esta,

(Entrega-lhe outra receita.)

E perdoai-me.

Mengone

Dizei-me, a quem se destina
O medicamento?

(Olhando para as duas receitas.)

Volpino

Para um que sofre de indigestão.

Mengone

Muito bem; e esta poção
A quem se destina ela?

Volpino

Para um que não consegue...
está a perceber?

Mengone

Já percebi, já vos sirvo.

Para o que sofre do estômago,
Precisamos de ruibarbo;
Para o que tem prisão de ventre,
O maná é o indicado.
Depressa, tragam-me cá:

(Dirigindo-se a um moço)

Di questo, *quantum sufficit*,
Di questo due Manipoli:
Faremo una pozione
Ed una confezione
E quel, che ha mal di stomaco,
I chiodi mangerà;
E quel, che ha il corpo stitico
Le viscere anderà.

(parte.)

Disto, *quantum sufficit*
Disto, dois punhados:
Faremos uma poção
E uma confeção
E o que sofre do estômago
Até pregos há de comer;
E, ao que tem prisão de ventre
Até as tripas lhe hão de sair.

(sai.)

SCENA QUINTA

Volpino Solo.

Volpino

Oh che bravo garzone!
Ho finto di portar due ricette
Per parlare a Grilletta:
E' una pupilla,
Che incanta, che innamora:
Procurerò d'innamorarla,
E poscia innamorata,
Voglio sposarla.

(partendo s'incontra in Grilletta.)

QUINTA CENA

Volpino, só.

Volpino

Oh, que excelente rapaz!
Fingi trazer duas receitas
Para poder falar com a Grilletta:
É uma pupila
Que nos deixa encantados, enamorados;
Tentarei que se enamore,
E depois de enamorada,
Hei de casar com ela.

(Ao sair, encontra-se com Grilletta.)

SCENA SESTA

Grilletta e detto.

Volpino

Grilletta.

Grilletta

Siete matto?

Volpino

Perchè?

Grilletta

Perchè sapete
Che il mio Signor Tutore
Non vuol, ch'io parli con nissuno al mondo.

SEXTA CENA

Grilletta e Volpino.

Volpino

Grilletta.

Grilletta

Estais louco?

Volpino

Porquê?

Grilletta

Porque bem sabeis
Que o senhor meu Tutor
Não quer que eu fale com ninguém no mundo.

Volpino

Egli è ben sciocco, e tondo,
Se crede, che Grilletta
Non voglia far l'amore.

Grilletta

Oh io son ubbidiente al mio Tutore.

Volpino

Eppure con Mengone
Passa qualche amoretto.

Grilletta

Oh v'ingannate.

Volpino

Non occorr, che negate
Di sicuro lo so.

Grilletta

Se lo sapete,
Dunque dai fatti miei cosa volete?

Volpino

Io voglio illuminarvi,
Io voglio consigliarvi
Uno sciocco lasciar, che non ha merto.

Grilletta

Serva, Signor esperto,
Serva Signor Eroe del Campidoglio,
Voi meritate assai, ma non vi voglio.

Volpino

Sprezzarmi? dilegiarmi? cospettone!
Voglio uccider Mengone .

Grilletta

Poverino?
Come fosse un pulcino.

Volpino

Bem parvo e tolo é ele
Se pensa que a Grilletta
Não há de namorar.

Grilletta

Oh, eu obedeço ao meu Tutor.

Volpino

Mas já com o Mengone
Há um namorico qualquer.

Grilletta

Oh, estais enganado.

Volpino

Não vale a pena negar,
Sei-o de fonte segura.

Grilletta

Se o sabeis,
Que tendes a ver com a minha vida?

Volpino

Quero abrir-vos os olhos,
Quero aconselhar-vos
A largar esse tonto, que não vale nada.

Grilletta

Às suas ordens, Senhor sabe-tudo,
Às suas ordens, Senhor Herói do Capitólio.
É grande o vosso valor, mas eu não vos quero.

Volpino

Desprezar-me? Rir-se de mim? Que topete!
Vou matar o Mengone.

Grilletta

O coitadinho?
É como um pintainho.

Volpino

Io mai son stato
Burlato, strappazzato.

Grilletta

Un'altra volta.
Non direte così.

Volpino

Femmina ingrata.

Grilletta

E ver, sono spietata.

Volpino

Non conoscete il buono.

Grilletta

Ignorantaccia io sono.

Volpino

Io vò la vostra sorte procurando.

Grilletta

Ed io...

Volpino

Parlate pure.

Grilletta

Ed io vi mando.

Caro Volpino Amabile
Siete de pazzi il Rè;
E' ver, siete adorabile,
Ma non piacete a me,
Son nata sfortunata,
Non merto il vostro amor;
Volpino poverino
Soffrite il pizzicor.

(parte.)

Volpino

Nunca zombaram de mim,
Nem me ofenderam assim.

Grilletta

Fica para outra vez.
Já não direis o mesmo.

Volpino

Mulher ingrata.

Grilletta

É verdade, sou sem piedade.

Volpino

Não sabeis o que é bom.

Grilletta

Sou uma ignorante.

Volpino

Só procuro o vosso bem.

Grilletta

E eu...

Volpino

Dizei, dizei.

Grilletta

E eu mando-vos embora.

Caro e Amável Volpino
Sois o Rei dos Loucos;
É verdade, sois adorável,
Mas não sois do meu agrado,
Nasci desventurada,
Não mereço o vosso amor;
Volpino coitadinho
Há que aguentar a comichão.

(sai.)

SCENA SETTIMA

Volpino solo.

Volpino

Maledetta fortuna, ancor mi burla?
Basta: non son, chi sono
Se non faccio vendetta.
Oh che cara fraschetta!
Lascia me per Mengone:
Mi tratta da buffone,
E fa di me strappazzo;
Ah! se trovo Mengone, io me l'ammazzo.

Amore nel mio petto
Si è convertito in sdegno;
Il mio Rival indegno
Vedrò cadermi al piè'
Ma, se ammazzasse me?
Col cuor ardito, e forte
Incontreró la morte
La morte? Signor sì;
Grilletta traditora
Contenterò cosi.

(parte .)

SÉTIMA CENA

Volpino, só.

Volpino

Sorte maldita, ainda se ri de mim?
Basta: não serei quem sou
Se não me vingar.
Ah, que bela serigaita!
Troca-me pelo Mengone;
Trata-me de bufão,
E faz chacota de mim.
Ah, se encontro o Mengone, dou cabo dele.

O amor que tinha no peito
Converteu-se em desdém;
O meu indigno rival
Verei caído a meus pés.
Mas se for ele a matar-me?
De coração afoito e forte
Afrontarei a morte.
A morte? A morte, sim.
Assim contentarei
Esta Grilletta traidora.

(sai.)

SCENA OTTAVA

Camera interna della spezieria
Mengone poi Grilletta.

Mengone

Ho fatta la fatica
Ho fatte le ricette
E poi non ho trovato più nissuno.
Il Cielo gli ha ispirati,
Perchè, se gl'ammalati
Prendean tai medicine, ho ben paura
Che andassero a guarire in sepoltura.

Grilletta

Mengoncino.

Mengone

Grilletta.

OITAVA CENA

Divisão interior da botica,
Mengone, e depois Grilletta.

Mengone

Cumpri a tarefa
Aprontei as receitas
E agora já não está aqui ninguém.
Foi o Céu que os inspirou.
Porque se os doentes
Tomassem tais remédios, receio
Que iriam curar-se na sepultura.

Grilletta

Mengoninho!

Mengone

Grilletta!

Grilletta

Mi vuoi bene?

Mengone

Zitto, che se il Padron...

Grilletta

Per ora non viene
Dimmi, se mi vuoi ben?

Mengone

Te ne vorrei... ma ho paura.

Grilletta

Uh! che vergogna

Mengone

Orsù, se abbiam da farla,
Facciam la cosa presto.

Grilletta

Eh via: diamci la mano.

Mengone

Aspetta, piano, piano.

Grilletta

Presto, facciam così,
Son tua sposa.
(si danno la mano con timore.)

Mengone

Tuo sono...
(Vede Sempronio.)
Eccolo qui.

Grilletta

Gostas de mim?

Mengone

Caluda, que se o Patrão...

Grilletta

Para já não vem.
Diz-me se gostas de mim

Mengone

Eu gostava... mas tenho medo.

Grilletta

Uh! Que vergonha.

Mengone

Vá, se é para a fazermos,
Façamos a coisa já.

Grilletta

Vamos então, demos as mãos.

Mengone

Espera, devagar, devagar.

Grilletta

Depressa, façamos assim,
Sou tua esposa.
(Dão as mãos com receio.)

Mengone

Sou teu...
(Vê Sempronio.)
Aí vem ele.

SCENA NONA

Sempronio, e detti.

Sempronio

Cosa fate?

Mengone

Dicevo...

Grilletta

Poverino!
Si sente male. Io gli tastavo il polso.

Sempronio

Lascia sentir.
(gli tasta il polso.)

Mengone

Sentite.

Sempronio

(Leggendo.)

Vuol esser la gran lite
Tra il levante, e il ponente.

Mengone

Eben cosa vi pare?

Sempronio

Non hai niente.

Mengone

E pure, se sapeste,
Padron, cosa mi sento...

Grilletta

Poverino! ha il suo mal tutto di drento.

Sempronio

Animo, setacciate,
Quelle gomme pistate;

NONA CENA

Sempronio e os mesmos.

Sempronio

Que estais a fazer?

Mengone

Estava a dizer...

Grilletta

Coitadinho!
Sente-se mal. Estava a tomar-lhe o pulso.

Sempronio

Deixa cá ver.
(Toma-lhe o pulso.)

Mengone

Escutai.

Sempronio

(Lendo.)

Vem aí o grande conflito
Entre o Levante e o Poente.

Mengone

E então que vos parece?

Sempronio

Não tens nada.

Mengone

E no entanto, Patrão,
se soubésseis como me sinto...

Grilletta

Coitadinho! O mal dele é todo por dentro.

Sempronio

Coragem, peneirai
As gomas que triturastes;

E voi bella Grilletta
Per non istare oziosa,
Mondate la cicoria, e l'accetosa,
Farò qualcosa anch'io.
Vuo far a modo mio
Tra i Signori, che adesso sono in guerra,
La division del Mare, e della terra.

(Sempronio siede, e scrive, Mengone si pone a setacciare, Grilletta a mondare l'Erbe.)

Mengone

Quanti son di questa polvere
I granelli minutissimi
Tanti Son Grilletta i spasimi
Che per te mi sento al cor.

Grilletta

Quante son dell'erbe tenere
Le tagliette minutissime
Tante son Mengon amabile
Le speranze del mio cor.

Sempronio

La Montagna al Re de' Tartari
La pianura al Re dell'Indie,
La Marina al bravo Prencipe
Del Mogól Imperator.

Mengone e Grilletta

Ah non so, che cosa faccio.

Grilletta

Mentre scelgo,

Mengone

Mentre staccio

Insieme

Tutto / Tutta vò in Sudor.

E vós, bela Grilletta,
Para não estardes ociosa,
Limpai a chicória e as azedas,
E eu também faço alguma coisa.
Vou fazer à minha maneira,
A divisão do Mar e da Terra
Entre os Senhores agora em guerra.

(Sempronio senta-se a escrever, Mengone começa a peneirar as gomas, Grilletta a escolher as verduras.)

Mengone

Quantos os pequeníssimos
Grãos deste pó
Tantas são, Grilletta, as ânsias
Que por ti sinto no coração.

Grilletta

Quantos os bocadinhos
Destas ervas tenras
Tantas são, gentil Mengone,
As esperanças do meu coração.

Sempronio

A Montanha para o Rei dos Tártaros
A planura para o rei das Índias,
A Costa para o valente Príncipe
Do imperador Mongol.

Mengone e Grilletta

Ah, não sei o que faço.

Grilletta

Enquanto escolho,

Mengone

Enquanto peneiro,

Juntos

Todo eu / Toda eu sou apenas Suor.

Sempronio

Ma senza Mappamondo
Mi perdo, e mi confondo
Or or deciderò.
(a Mengone.)

Stacciate
(a Grilletta.)

Mondate
Ed or ritornerò.
(parte.)

Grilletta

Sempronio è andato via,

Mengone

Son qua Grilletta mia.
(si alzano.)

Insieme

Concludere convien.

Grilletta

Dammi la man, o caro.

Mengone

Prendi la man, o cara.

Insieme

Zitto, Sempronio vien.
(tornano a lavorare.)

Sempronio
(con un mappamondo.)

Ora si con fondamento
Potrò far lo spartimento
Della terra, e poi del Mar.
(fa le sue oservazioni.)

Sempronio

Mas sem um globo terrestre
Perco-me e desoriento-me
Já decidirei.
(para Mengone.)

Peneirai
(para Grilletta.)

Limpai
que eu volto já.
(sai.)

Grilletta

Sempronio foi-se embora.

Mengone

Estou aqui, Grilletta minha.
(levantam-se os dois.)

Juntos

Temos de concluir.

Grilletta

Dá-me a mão, meu querido.

Mengone

Toma a minha mão, querida.

Juntos

Silêncio, vem aí Sempronio.
(retomam o trabalho.)

Sempronio
(trazendo um globo terrestre.)

Agora sim, posso fazer
Como deve ser a divisão
Da terra e, depois, do Mar.
(faz as suas observações.)

Mengone

Lavorando
Setacciando
Io mi sento tormentar.

Grilletta

Fra l'erbetta
Teneretta
Io mi sento innamorar.

Sempronio

Per scioglier questo passo
Bisogno ho del Compasso;
Or or lo troverò.

(a Mengone.)

Stacciate

(a Grilletta.)

Mondate
Ed or ritornerò.

(parte.)

Mengone

Presto, presto Grillettina
Dammi o cara, la manina.

Grilletta

Si, mio caro, eccola quà.

(torna Sempronio e gli vede in atto, che si danno la mano.)

Mengone

Cara.

Grilletta

Caro.

(vedono Sempronio e tornano a lavorar.)

Sempronio

Bravi, bravi, vi ho veduto.
Giusto a tempo son venuto,
Ho scoperto, come va.

Mengone

Trabalhando
Peneirando
Sinto-me atormentado.

Grilletta

Entre plantinhas
Tenrinhas
Sinto-me enamorada.

Sempronio

Para resolver esta parte
Preciso do Compasso;
Vou já buscá-lo.

(para Mengone.)

Peneirai

(para Grilletta.)

Limpai as verduras
Eu volto já.

(sai.)

Mengone

Depressa, depressa, Grillettinha,
Dá-me, querida, a mãozinha.

Grilletta

Sim, querido, aqui a tens.

(volta Sempronio e surpreende-os de mãos dadas.)

Mengone

Querida.

Grilletta

Querido.

(veem Sempronio e retomam o trabalho.)

Sempronio

Lindo, lindo, apanhei-vos.
Cheguei mesmo a tempo,
E descobri o que se passa aqui.

Mengone

Vo stacciando.

Grilletta

Vo mondando.

Sempronio

Disgraziati via di qua.

Mengone

Ma... Signore...

Grilletta

Gnor Tutore.

Sempronio

Ho scoperto, come va.

Mengone e Grilletta

Maledetto.

Sempronio

Via di qua.

Mengone e Grilletta

Che dispetto.

Sempronio

Via di là.

Sempronio, Grilletta e Mengone

Ho un tremore
Nel mio core.
Non so dir cosa sarà.
Che tormento.
Che mi sento.
Oh che rabbia, che mi fa.

Mengone

Estou a peneirar.

Grilletta

Estou a limpar as verduras.

Sempronio

Safados, fora daqui.

Mengone

Mas... Senhor...

Grilletta

Senhor Tutor.

Sempronio

Descobri o que se passa aqui.

Mengone e Grilletta

Maldito.

Sempronio

Fora daqui.

Mengone e Grilletta

Que raiva.

Sempronio

Fora daqui.

Sempronio, Grilletta e Mengone

Sinto um tremor
No coração
Não sei de que será.
Que tormento
Que eu sinto.
Oh, que raiva isto me dá.

ATTO SECONDO

SCENA PRIMA

Camera interna della spezieria.
Sempronio, poi Volpino.

Sempronio

Canaglia maledetta
Me la fanno sugli occhi. Io mi lusingo
Di sposar la pupilla, e di pigliarmi
Codesto buon boccone,
E lei fa la graziosa con Mengone
Ma ci rimedierò.

Volpino

Padron mio

Sempronio

Bacio la mano.
Se ha bisogno di nulla
Lei vada in spezieria.

Volpino

Vorrei parlare con Vossignoria.

Sempronio

Spicciamoci di grazia.
Che comanda Signore?

Volpino

Io deggio dirle...

Sempronio

Via, presto.

Volpino

Sappia dunque...

Sempronio

E così?

SEGUNDO ATO

PRIMEIRA CENA

Divisão interior da botica.
Sempronio, depois Volpino.

Sempronio

Canalha maldita
Fazem isto na minha cara. Eu com a ilusão
De desposar a pupila e de apanhar
Este belo bocado,
E ela toda derretida com o Mengone.
Mas eu já trato disso.

Volpino

Caro Patrão

Sempronio

Às vossas ordens.
Se precisais de alguma coisa,
Ide à botica.

Volpino

Queria falar com Vossa Senhoria.

Sempronio

Que seja rápido, por favor.
Que manda Vossa Mercê?

Volpino

Cabe-me dizer-vos...

Sempronio

Vá, despachai-vos.

Volpino

Sabei pois...

Sempronio

E então?

Volpino

Francamente
Dirò, che il cieco Dio...

Sempronio

Animo!

Volpino

Io sono innamorato.

Sempronio

E vien, da me? cosa ho da fare?

Volpino

Darmi la sua Pupilla in dono.

Sempronio

In brieve io risponderò:
Signor nò, Signor nò, e Signor nò.

Volpino

Ma perchè cosi fiero?

Sempronio

Ho altro per la testa,
Dico di nò, la mia ragione è questa.

Volpino

Senta Signore,

Sempronio

Non ho tempo.

Volpino

E' dalla Francia gionta
Una vaga novella.

Sempronio

E che racconta? oh sarà bella.

Volpino

Falando sem rodeios
Direi que aquele deus que é cego...

Sempronio

Ânimo!

Volpino

Estou apaixonado.

Sempronio

E é a mim que o dizeis? Que posso eu fazer?

Volpino

Conceder-me a mão da vossa pupila.

Sempronio

Em poucas palavras vos respondo:
Senhor, não! Senhor, não! Senhor, não!

Volpino

Mas porquê tal fúria?

Sempronio

Tenho mais em que pensar,
Digo que não, e a minha razão é esta.

Volpino

Ouvi, Senhor...

Sempronio

Não tenho tempo.

Volpino

Chegou de França
Uma bela notícia.

Sempronio

E que diz ela? Oh, deve ser bela.

Volpino

Un certo Tutore
In Francia vi fù,
Che certa Pupilla
Voleva far giù.
E un certo Amatore
Al caro Tutore
Diceva così.
Se voi la negate
Saran bastonate
Ma senza pietà.

(parte.)

Volpino

Havia em França
Um certo Tutor
Que certa Pupila
Queria sujeitar.
E um certo Apaixonado
Ao caro Tutor
dizia assim:
Se vós ma negais
Serão muitas as bastonadas
E sem piedade.

(sai)

SCENA SECONDA

Sempronio solo.

SEGUNDA CENA

Sempronio sozinho.

Sempronio

Eh capisco, capisco:
Ma con tutta la bella novelletta
Quel galantuomo non avrà Grilletta
Mi fan ridere affé certi sguajati,
Fanno li spasimati per le Dame,
Tra di lor combattendo, e tra la fame.
Grillettina è vezzosa,
E a dispetto d'ogn'un sarà mia sposa.
Ma se la vedo parlar con un altro,
Se la trovo sul fatto
Mi venga l'anticor, se non la batto.

Ragazzaccie, che senza cervello
Favellate con questo, con quello
Se vi trovo, vi faccio pentir.
Oh che smorfie! che grazie, che brio!
Mio diletto, mio caro, ben mio!
Un bastone faravvi languir.

Sempronio

Ah, percebo, percebo:
Mas com a sua bela noticiazinha
Esse tal cavalheiro não levará a Grilletta.
A sério que me fazem rir esses descarados,
Sempre a suspirar pelas Damas,
Pelejando entre si e cheios de fome.
A Grilletinha é formosa,
E, a despeito de todos, será minha esposa.
Mas se a vejo falar com outro,
Se a apanho no ato,
Que me dê uma coisa se eu não lhe bato.

Cabeças de vento, que sem miolos
Palrais com este e com aquele,
Se vos apanho, haveis de vos arrepender.
Oh, que trejeitos! Que graça, que leveza!
Minha bem amada, querida, meu bem!
Uma boa bordoada vos fará esmorecer.

SCENA TERZA

Grilletta, poi Mengone.

TERCEIRA CENA

Grilletta e, depois, Mengone.

Grilletta

Ancora il cor mi trema
Dallo spavento, che sostenni:

Grilletta

Ainda me treme o coração
Do susto que apanhei:

Ma alla prima occasione,
Ch'io vedo, il mio Mengone,
Adoprerò tutto l'ingegno
Per venire allo sperato disegno.
Amor i cori unisca
E così i nostri contenti compisca.

Mengone

Eccola... non vorrei...
Che il Padron mi vedesse.

Grilletta

Ehi! che ne dite?
Siamo stati scoperti?

Mengone

Io lo dicevo,
E di peggio attendevo;
Però non è passata,
Mi aspetto dal Padron qualche bravata.

Grilletta

Ma concluder convien, o dichiararsi
Senza tanta paura,
O lasciarci a dirittura.

Mengone

Lasciarci? Non ho core...
Dichiararci? ho timore.
Risolvere non so.

Grilletta

Convien, che mi diciate o sì, o no.

Mengone

Dir di sì si fa presto,
Ma poi...

Grilletta

Ma poi che cosa?

Mas na primeira ocasião
Que veja o meu Mengone,
Usarei todo o meu engenho
Para atingir o esperado intento.
Que o amor una os corações
E assim complete a nossa alegria.

Mengone

Aí está ela... mas não queria
Que o Patrão me visse.

Grilletta

Como? Que dizeis?
Fomos descobertos?

Mengone

Eu bem dizia
E esperava pior;
Mas ainda não acabou,
O Patrão pode sair-se com alguma bravata.

Grilletta

Mas temos de decidir, ou nos declaramos
Sem tantos medos
Ou então separamo-nos.

Mengone

Separar-nos? Não tenho coragem...
Declarar-nos? Tenho medo.
Não consigo decidir.

Grilletta

Tendes que me dizer, ou sim ou não.

Mengone

Dizer que sim é fácil,
Mas depois...

Grilletta

Mas depois o quê?

Mengone

Se voi siete mia sposa,
Cosa dirà il Padrone?

Grilletta

Andate via, babbione;
Siete troppo di spirito meschino,
Sarà meglio, ch'io sposi il mio Volpino.

Mengone

Brava. Il vostro Volpino! ho inteso tutto.
Sì, sposatelo pur, buon pro vi faccia;
Cagna! trista! assassina! crudelaccia.

Grilletta

Ma se voi...

Mengone

Ma se io son babbuino...
Sarà meglio per voi sposar Volpino.

Grilletta

Dicevo...

Mengone

Si dicevi
Che io sono uno sciocco, e non son degno
Una Donna sposar di tanto ingegno.

Grilletta

Ma però...

Mengone

Compatisco
La sua risoluzione:
Un povero garzone,
Un povero villano
Non merita toccar si bella mano.

Grilletta

Ma sentite...

Mengone

Se fordes minha esposa,
Que dirá o Patrão?

Grilletta

Ide-vos embora, paspalhão;
É muito tacanho o vosso espírito,
Mais vale eu desposar o meu Volpino.

Mengone

Muito bem. O vosso Volpino! Já percebi tudo.
Sim, desposai-o, que vos faça bom proveito;
Cadela! Má! Assassina! Malvadona!

Grilletta

Mas se vós...

Mengone

Mas se eu sou cretino...
Mais vale que desposeis Volpino.

Grilletta

Queria dizer...

Mengone

Sim, queríeis dizer
Que sou estúpido e não sou digno
De desposar uma Dama de tal inteligência.

Grilletta

Mas no entanto...

Mengone

Compreendo
A vossa decisão:
Um pobre aprendiz,
Um pobre rapaz do campo
Não merece tocar em mão tão bela.

Grilletta

Mas escutai...

Mengone

Ho sentito,
Sono a tempo avvertito.

Grilletta

Dunque...

Mengone

Dunque migliori il suo destino,
Vada, vada a sposar il suo Volpino.

Grilletta

(Mi dispiace davvero.)

Mengone

Cecchina, benche villanella,
E' graziosa, ed è bella:
Vedrò, se mi vuol bene,
Io la sposerò presto, presto.
(Vò darle un poco di gelosia.)

Grilletta

Ho inteso, quanto basta:
Mi consolo
Signor Mengon garbato,
Che un'amante sua pari ha ritrovato.

Mengone

Che vorreste voi dir?

Grilletta

Si, sì colei
Una sposa sarà buona per lei.

Mengone

(Basta, non vò tormentarla più:)
Orsù Grilletta mia...

Grilletta

Vanne bugiardo
Scellerato, briccon, tristo, bastardo.

Mengone

Já escutei,
Fico já avisado.

Grilletta

Assim sendo...

Mengone

Assim sendo, melhorai a vossa sorte
Ide, ide desposar o vosso Volpino.

Grilletta

(Tenho mesmo muita pena.)

Mengone

A Cecchina, apesar de ser do campo,
É graciosa e bonita:
Vou ver se me quer bem,
Vou casar com ela já, já.
(Isto é para lhe fazer alguns ciúmes.)

Grilletta

Já entendi o suficiente:
Ainda bem
Que o distinto Senhor Mengone
Encontrou amada à sua altura.

Mengone

Que quereis vós dizer?

Grilletta

Sim, uma tal
Esposa será boa para vós.

Mengone

(Basta, não quero atormentá-la mais:)
Ora vamos, minha Grilletta...

Grilletta

Ide-vos daqui, mentiroso
Celerado, malandro, malvado, bastardo.

Mengone

Ma sentite...

Grilletta

Ho sentito.

Mengone

Alfine...

Grilletta

Alfine ingrato
Va, che più non ti voglio,
Va, che di te mi spoglio, e d'ogni affetto,
Sei fuori di mio cor; e di mio petto.

A fatti tuoi
Badar tu puoi,
Da me alcun amor
Giammai non sperar.
Io non ti voglio
Questa è finita
Onde le dita
Ti puoi leccar.

SCENA QUARTA

Mengone solo.

Mengone

Deh! son pur sfortunato:
Ho da perder Grilletta?
No, bisogna procurar d'aggiustarla.
Procurar di placarla: e come mai?
Ma se in nulla mancai... oh Donne, Donne!
A forza di lusinghe, e di strapazzi
Fate, che i pover'uom diventin pazzi.

(parte.)

Mengone

Mas escutai...

Grilletta

Já escutei.

Mengone

Enfim...

Grilletta

Enfim, ingrato,
Vai-te que já não te quero,
Vai-te que me desfaço de ti e de todo o afeto,
Sais do meu coração; e do meu peito.

Podes tratar
Da tua vida,
De mim nenhum amor
Esperes nunca mais.
Eu não te quero.
Tudo acabou
Agora bem podes
Chupar nos dedos.

QUARTA CENA

Mengone, só.

Mengone

Ai de mim! Sou mesmo desditoso:
Terei de perder a Grilletta?
Não, tenho de procurar apaziguá-la.
Procurar aplacá-la, mas como?
Eu não fiz nada de mal... oh, Mulheres, Mulheres!
À força de afagos e de maus-tratos
Fazeis ficar doidos os pobres dos homens

(sai.)

SCENA QUINTA

Grilletta, poi Sempronio spezieria.

Grilletta

Si, sì, per far dispetto
A Mengon senza fede,
Voglio al primo sposarmi, che mi chiede.

Sempronio

Grilletta ho da parlarvi.

Grilletta

Eccomi qui.

Sempronio

Voi sempre star così
Fanciulla non dovete,
Tempo è di prender stato.
Pensateci Grilletta.

Grilletta

Io ci ho pensato.

Sempronio

Qual è il vostro pensier?

Grilletta

Di collocarmi:

Sempronio

Collocarvi in qual modo?

Grilletta

Maritarmi.

Sempronio

E ben se voi volete,
Presto sposa sarete.

Grilletta

Ov'è lo sposo?

QUINTA CENA

Grilletta, depois Sempronio na botica.

Grilletta

Sim, sim, para fazer uma desfeita
Àquele Mengone infiel
Aceitarei desposar o primeiro que me pedir.

Sempronio

Grilletta, preciso de vos falar.

Grilletta

Aqui me tendes.

Sempronio

Não deveis continuar
Assim sempre donzela,
É tempo de tomardes estado.
Pensai nisso, Grilletta.

Grilletta

Já pensei.

Sempronio

Qual é a vossa ideia?

Grilletta

Vou-me arrumar.

Sempronio

Arrumar, como?

Grilletta

Maridar-me.

Sempronio

Pois bem, se é o que quereis,
Não tarda sereis esposa.

Grilletta

E o esposo onde está?

Sempronio

Lo sposo?... Grillettina,
Voi siete modestina,
Siete di genio fino
Non vorrete una frasca, un babbuino.

Grilletta

Certamente no.

Sempronio

Se voi pensate
Alla vostra fortuna, al vostro bene,
Vedrete, che conviene
Scieglere un'uom posato.

Grilletta

E ben Signore,
E' questo il genio mio:
Questo sposo qual è?

Sempronio

Cara, Son io.

Grilletta

Voi?

Sempronio

Vi sembra forse,
Che di voi non sia degno?

Grilletta

(Sì, lo voglio sposar per
quell'indegno.)

Sempronio

Che dite?

Grilletta

Son pronta
A far quel, che volete.

Sempronio

O esposo?... Grillettinha
Vós sois em tudo discreta,
De espírito refinado
Não quereis um leviano, um cretino.

Grilletta

Não, certamente.

Sempronio

Se pensardes
No vosso futuro, no vosso bem,
Vereis que convirá
Escolher um homem ponderado.

Grilletta

Pois bem, Senhor,
É essa a minha ideia:
E esse esposo qual é?

Sempronio

Minha querida, sou eu.

Grilletta

Vós?

Sempronio

Parece-vos talvez
Que não sou digno de vós?

Grilletta

(Sim, vou desposá-lo por causa
daquele indigno.)

Sempronio

Que dizeis?

Grilletta

Estou pronta
Para fazer a vossa vontade.

Sempronio

Or si vedo, che siete
Una figlia prudente. Ah non avete
Al Mondo paragone.

Grilletta

(Io di rabbia morir farò Mengone.)

Sempronio

Ora verrà un Notaro.

Grilletta

A cosa fare?

Sempronio

L'ho mandato a chiamare
Perchè voglio a drittura,
Che fra di Noi sì faccia la scrittura.

Grilletta

Ma con qual fondamento
Lo mandaste a chiamar?

Sempronio

Sperai senz'altro
Che avreste il mio pensiero secondato,
E vedo, che non m'ho niente ingannato.

Grilletta

(Ah poi mi pentirò.)

Sempronio

(Non mi credevo
Sì presto quadagnarla.)

Grilletta

(Basta, ci penserò prima di farla.)

Sempronio

Agora sim, vejo que sois
Uma filha sensata. Ah, não tendes
No Mundo outra igual.

Grilletta

(Farei morrer de raiva Mengone.)

Sempronio

Virá agora um Notário.

Grilletta

Fazer o quê?

Sempronio

Mandei-o chamar
Porque quero justamente
Fazer o contrato entre nós.

Grilletta

Mas com que fundamento
O mandastes chamar?

Sempronio

Esperava que sem dúvida
Iríeis concordar com a minha ideia
E vejo que não me enganei.

Grilletta

(Ah, ainda me irei arrepender)

Sempronio

(Não contava
Conquistá-la tão depressa.)

Grilletta

(Basta, pensarei nisso antes de assinar.)

SCENA SESTA

Volpino, in abito da Notaro con baffi, e Detti.

Volpino

(Fortuna se potessi
Ingannar costui, l'avrei pur caro.)

Sempronio

Che comanda, Signor?

Volpino

Sono il Notaro

Sempronio

Padrone, favorisca.
Vorrei, se si contenta,
Formar fra me, e Grilletta
Di Matrimonio certa scrittura.

Volpino

(Colui mi disse il vero)
eccomi pronto.

Sempronio

Grilletta, ecco il Notaro,
Presto portate carta, e calamaro.

Grilletta

(Mi basta il core?)
(i servi portano l'occorente.)

Volpino

Dica.
Ciò, che vuole, ch'io scriva.

Sempronio

Scriva signor Notaro, io detterò.

SEXTA CENA

Volpino, com traje de Notário com bigodes, e os mesmos.

Volpino

(Muito gostaria eu de conseguir
Enganar este.)

Sempronio

O que desejais, Senhor?

Volpino

Sou o Notário

Sempronio

Senhor, por favor.
Queria, se não vos importais,
Fazer entre mim e Grilletta
Um certo contrato de casamento.

Volpino

(Disse-me a verdade)
Estou pronto.

Sempronio

Grilletta, está aqui o Notário,
Depressa, trazei papel e tinteiro.

Grilletta

(Terei eu coragem?)
(os criados trazem o necessário.)

Volpino

Dizei.
Que quereis que eu escreva.

Sempronio

Escrevei, senhor Notário, eu ditarei.

SCENA SETTIMA

Mengone, anch'egli da Notaro con baffi, e detti.

Mengone

(Ah razza maledetta!
Fui a tempo avvisato.)

Sempronio

(vede Mengone.)

Chi è lei?

Mengone

Sono il Notaro.

Sempronio

Non ve n'è più bisogno
Lei è tardi arrivato.

Volpino

(Il negozio va mal. Io sono imbrogliato.)

Mengone

Ma se sono venuti a scomodarmi,
Bisognerà pagarmi.

Sempronio

Cosa dice?

Volpino

Dice, ch'io sono il primo.

Mengone

Ed io non mi confondo,
Scriverò, come vuol, primo,
o secondo.

Sempronio

Via, facciamo così,
Avranno entrambi le mercedi sue,
Scriveran tutti due
Una Copia per uno; son contenti?

SÉTIMA CENA

Mengone, também vestido de Notário e com bigodes, e os mesmos.

Mengone

(Ah, raça maldita!
Fui avisado a tempo.)

Sempronio

(vê Mengone.)

Quem é o senhor?

Mengone

Sou o Notário.

Sempronio

Já não é preciso,
Chegou tarde.

Volpino

(O caso está a correr mal. Estou baralhado.)

Mengone

Mas já que me foram incomodar
Terão de me pagar.

Sempronio

Como diz?

Volpino

Diz, que eu estou primeiro.

Mengone

E eu não me confundo,
Escreverei o que quiser, primeiro
ou segundo.

Sempronio

Vá, façamos assim,
Receberão os dois a vossa paga,
Escreverão os dois
Uma cópia cada um; ficam contentes?

Mengone

Contentissimo sono.

Volpino

Ma non vorrei...

Sempronio

Se si contenta lui, taccia ancor lei.

Grilletta

(Qualche scena graziosa ora mi aspetto.)

Sempronio

D'accordo tutti due scrivano, io detto.

Colla presente
Scrittura privata
Resta accordata
La bella Grilletta

Volpino

Grilletta.

Mengone

Grilletta.

Sempronio

In Matrimonio

Volpino

In Ma...

Mengone

Trimonio.

Sempronio

Con il Signore.

Volpino e Mengone

Signore.

Mengone

Fico contentíssimo

Volpino

Mas eu não queria...

Sempronio

Se ele se contenta, cale-se agora o senhor.

Grilletta

(Estou à espera de uma cena engraçada.)

Sempronio

Escrevam os dois o que eu dito.

Pela presente
Certidão particular
É concedida
A bela Grilletta

Volpino

Grilletta.

Mengone

Grilletta.

Sempronio

Em Matrimónio

Volpino

Em Ma...

Mengone

Trimónio...

Sempronio

Com o Senhor.

Volpino e Mengone

Senhor.

Sempronio

Sempronio.

Volpino

Volpino.
(ogn'un scrive il suo Nome.)

Mengone

Menghino.

Sempronio

Sempronio.
Scrivono bene.

Volpino e Mengone

Onio.

Sempronio

Lei promette di sposarlo.

Volpino e Mengone

Arlo.

Sempronio

E con tale promissione.

Volpino e Mengone

One.

Sempronio

I suoi beni gli donò.

Volpino e Mengone

Nò.

Sempronio

Come nò? Signoi sì,
La sua dote viene a me.

Sempronio

Sempronio

Volpino

Volpino
(Cada um escreve o seu próprio nome.)

Mengone

Menghino.

Sempronio

Sempronio.
Escrevem bem.

Volpino e Mengone

Onio.

Sempronio

Ela promete desposá-lo.

Volpino e Mengone

posá-lo.

Sempronio

E com tal prometimento.

Volpino e Mengone

mento

Sempronio

Lhe doa seus bens sem qualquer senão.

Volpino e Mengone

Não.

Sempronio

Como não? Senhores, sim.
O dote dela é para mim.

Volpino e Mengone

A me.

Sempronio

Ella stessa me l'ha detto.

Volpino e Mengone

Maledetto.

Sempronio

Siete sordi?
Siete pazzi?
Che maniera è questa qui.

Volpino e Mengone

(La non vuol finir cosi.)

Sempronio

Terminate.

Mengone

Aspettate.
La ragazza cosa dice?
Ella pur sentir conviene.

Volpino

Il Collega dice bene.

Mengone e Volpino

Senza questo non si può.

Sempronio

(a Grilletta.)

Via parlate.

Grilletta

Parlerò.
(Ma risolto ancor non ho)
Sarà il mio Core
Il mio Tutore:

Volpino e Mengone

Para mim.

Sempronio

Por ela me foi tal dito.

Volpino e Mengone

Maldito.

Sempronio

Estais surdos?
Estai loucos?
Que maneiras são estas?

Volpino e Mengone

(Ela não quer que isto acabe assim.)

Sempronio

Terminai.

Mengone

Esperai.
A rapariga o que diz?
É preciso também ouvi-la.

Volpino

O Colega diz bem.

Mengone e Volpino

Sem isso não é possível.

Sempronio

(para Grilletta.)

Vá, falai.

Grilletta

Falarei.
(Mas ainda não me decidi)
Será o meu Coração
O meu tutor.

Sempronio

Sino alla Morte.

Mengone e Volpino

La Morte.

Sempronio

Come?

Grilletta

Giuro d'amarlo.

Sempronio

Volergli bene.

Volpino

Arlo.

Mengone

Bene.

Volpino e Mengone

Basta così
Si Sottoscrivano.

Sempronio e Grilletta

Eccomi qui.

Sempronio

Voglio rileggere.
(s'accosta, a Volpino.)

Volpino

(l'impedisce.)

Eh non s'incomodi.

Sempronio

(a Mengone.)

Voglio riflettere.

Sempronio

Até à Morte.

Mengone e Volpino

A Morte.

Sempronio

Como?

Grilletta

Juro amá-lo.

Sempronio

Querer-lhe bem.

Volpino

Má-lo.

Mengone

Bem.

Volpino e Mengone

Assim está bem.
Assinai.

Sempronio e Grilletta

Ao dispor.

Sempronio

Quero reler.
(aproxima-se de Volpino.)

Volpino

(impedindo-o.)

Eh, não se incomode.

Sempronio

(para Mengone.)

Quero refletir.

Mengone

(fa l'istesso.)

Già va benissimo.

Grilletta e Sempronio

Prima di scrivere
Vogliamo leggere
Vogliam veder.

(Sempronio prende la carta a Mengone, Grilletta a Volpino.)

Sempronio

Colla presente...

Grilletta

Scrittura privata...

Sempronio

Resta accordata...

Grilletta

La bella...

Sempronio

Grilletta...

Volpino

(Ora ci sono.)

Mengone

(Or vien il buono.)

Grilletta

In Matrimonio.

Sempronio

Con il Signore.

Grilletta

Volpino...

Mengone

(faz o mesmo.)

Já está muito bem assim.

Grilletta e Sempronio

Antes de assinar
Queremos ler
Queremos ver.

(Sempronio tira o papel a Mengone, Grilletta a Volpino.)

Sempronio

Pela presente...

Grilletta

Certidão particular...

Sempronio

É concedida...

Grilletta

A bela...

Sempronio

Grilletta...

Volpino

(Agora é que é.)

Mengone

(Agora é que são elas.)

Grilletta

Em Matrimónio.

Sempronio

Com o Senhor...

Grilletta

Volpino...

Sempronio

Menghino...

Grilletta

Come?

Sempronio

Cos'è?

Volpino e Mengone

(osservandosi fra loro.)

Quello è un Notaro
Simile a me.

Sempronio e Grilletta

Come tai Nomi?
Non la capisco.

Volpino e Mengone

(burlandosi fra loro.)

Signor Notaro
La riverisco.

Volpino

(a Grilletta.)

Quello è Menghino.

Mengone

(a Sempronio.)

Quello è Volpino.

Sempronio e Grilletta

Ah traditori!
Ah scellerati!

Mengone e Volpino

Viva li sposi.

Sempronio

Via disgraziati.

Sempronio

Menghino...

Grilletta

Como?

Sempronio

O que é isto?

Volpino e Mengone

(observando-se mutuamente)

Aquele Notário
É igual a mim.

Sempronio e Grilletta

Como assim, esses nomes?
Não compreendo.

Volpino e Mengone

(troçando um do outro.)

Senhor Notário,
Os meus respeitos.

Volpino

(para Grilletta.)

Aquele é o Menghino.

Mengone

(para Sempronio.)

Aquele é o Volpino.

Sempronio e Grilletta

Ah, traidores!
Ah, celerados!

Mengone e Volpino

Vivam os noivos.

Sempronio

Fora daqui, desgraçados.

Mengone e Volpino

Viva li sposi
Viva l'amor.

Sempronio e Grilletta

Via maledetti.
Ma di buon cor.

ATTO TERZO

SCENA PRIMA

Cortile dello speziale. Sempronio, poi Volpino.

Sempronio

O disgraziati
Chi pensar si potea?

Volpino

Servo Signore.

Sempronio

(con isdegno.)

Oh signor seccatore.

Volpino

Perdoni...

Sempronio

Mi lasci stare.

Volpino

Dovrei...

Sempronio

Non ho tempo.

Volpino

Dovrei comunicare,
Con lei un certo avviso.

Mengone e Volpino

Vivam os noivos.
Viva o amor.

Sempronio e Grilletta

Fora daqui, malditos.
Mas sem ofensa.

TERCEIRO ATO

PRIMEIRA CENA

Pátio da botica. Sempronio, depois Volpino.

Sempronio

Ó desgraçados,
Quem havia de pensar?

Volpino

Às vossas ordens, Senhor.

Sempronio

(com desdém.)

Oh senhor importuno.

Volpino

Peço perdão...

Sempronio

Deixai-me em paz.

Volpino

Queria...

Sempronio

Não tenho tempo.

Volpino

Queria comunicar
A vossa senhoria um certo anúncio.

Sempronio

Avviso? di qual parte?

Volpino

Di Persia, e di Turchia.

Sempronio

Schiavo a vossignoria,
Sarà una nuova scaltra
Compagna di quell'altra.

Volpino

Favorisca.
D'esser un galantuomo io mi protesto,
Quel, ch'io dico, sostengo; ed ecco
il testo.
(gli da un foglio.)

Sempronio

(legge.)

Leggiamo:
Il Re delle Molucche
M'ha mandato in Italia
A provveder di Droghe ,
Di cordiali, e sciroppi un capitale,
E vuol al suo servizio uno speziale.

Volpino

Sentite?

Sempronio

Ma se i Turchi
Non usan medicine?

Volpino

Leggete pure, e sentirete il fine.

Sempronio

Vedendo, che la Peste
Fece stragge l'altr'anno,
Vuol riparar il danno
Con introdurre de' medicamenti
(a Volpino.)

Sempronio

Anúncio? De onde vem?

Volpino

Da Pérsia e da Turquia.

Sempronio

Escuto Vossa Senhoria,
Deve ser uma nova trapaça
semelhante à outra.

Volpino

Peço perdão.
Gabo-me de ser um homem de bem.
Mantenho aquilo que disse; aqui está
o texto.
(Entrega-lhe um papel.)

Sempronio

(lê.)

Leiamos.
O Rei das Molucas
Mandou-me a Itália
Para prover um carregamento
De Drogas, de cordiais e de xaropes
E quer ao seu serviço um boticário.

Volpino

Estais a ouvir?

Sempronio

Mas não é certo que os Turcos
Não usam medicamentos?

Volpino

Continuai a ler e vereis como acaba.

Sempronio

Vendo que a Peste
Fez estragos o ano passado,
Quer reparar o dano
Com a introdução de medicamentos.
(para Volpino.)

Per la Peste ho un cordial, che fa portenti

Volpino

Sarebbe il vostro caso.

Sempronio

Seguitiamo.

(legge.)

Ei manda due Bassà
Carichi di Casnà (vuol dir quattrini)
Con ordine di seco
trasportare in Turchia
Un buon spezial, ed una spezieria.

(a Volpino.

Dove mai sbarcheranno?

Volpino

Sono a vista
Di queste spiaggie.
Hanno mandato in terra
Con un Caichio questo foglio loro,
E alquante borse d'or :
E in questa terra chiedone licenza
Di principiar la loro diligenza.

Sempronio

Vengano, son Padroni; questa volta
Lascio la Patria mia,
A fare lo spezial vado in Turchia.

Volpino

Volete che per voi
Introduca il discorso?

Sempronio

Si, vi prego,
Se si farà il negozio,
Se passerò in Turchia,
Vi prometto una buona senseria.

Son uomo generoso,
E non mi faccio star.
Oh se potessi andar?

Para a Peste tenho um cordial que faz milagres.

Volpino

Seria o vosso caso.

Sempronio

Prossigamos.

(lê.)

Envia dois Paxás
Carregados de Casnà (quer dizer, dinheiro)
Com ordens de consigo
Levarem para a Turquia
Um bom boticário, e uma botica.

(para Volpino.)

Onde irão desembarcar?

Volpino

Estão à vista
destas praias.
Mandaram p'ra terra
Num caíque esta carta
E algumas bolsas de ouro:
E aqui em terra pedem licença
Para principiar a sua diligência.

Sempronio

Que venham, eles mandam; desta vez
Deixo a minha Pátria,
Vou como boticário para a Turquia.

Volpino

Quereis que em vosso nome
Introduza o assunto?

Sempronio

Sim, peço-vos,
Se o negócio se fizer,
Se eu for para a Turquia,
Prometo-vos uma boa comissão.

Sou um homem generoso
E comigo ninguém fica para trás.
Ah, se eu pudesse ir.

Con un buon orto,
Con un buon pozzo
Tesorerei,
E mi divertirei
Con tante novità.
A voi mi raccomando
Ancor per carità.

(parte.)

Com uma boa horta,
Com um bom poço
Haveria de fazer fortuna,
E de me divertir
Com tantas coisas novas.
Conto com convosco
Mais uma vez peço-vos.

(sai.)

SCENA SECONDA

Volpino solo.

Volpino

Ho vínto:
Lo stolido è caduto
Benche rassembra astuto.
Già vado a vestirmi da Turco;
E così la Grilletta
Sarà poi mia sposa diletta.

(parte.)

SEGUNDA CENA

Volpino só.

Volpino

Consegui:
O estúpido caiu
Embora pareça esperto.
Vou já vestir-me de Turco;
E assim a Grilletta
Será a minha dileta esposa.

(sai.)

SCENA TERZA

Spezieria. Mengone, poi Grilletta.

Mengone

Penso... dico...
Poi vado... e resto...
Tutto il dì mi sento tormentar.
Oh questa, finche vivo,
Mai più me la scorderò.

Grilletta

(Povero Mengoncin, pentita sono.)

Mengone

(Ecco Grilletta.)

Grilletta

(Aggiustarla vorrei, ma con decoro.)

TERCEIRA CENA

Na botica. Mengone, depois Grilletta.

Mengone

Penso... digo...
Depois vou... e fico...
O dia inteiro é um tormento.
Oh, esta, enquanto for vivo,
Nunca a hei de esquecer.

Grilletta

(Coitado do Mengoninho, estou arrependida.)

Mengone

(Aí vem a Grilletta.)

Grilletta

(Gostaria de remediar isso, mas com discrição.)

Mengone

(Tornar in pace pagherei un
Tesoro.)

Grilletta

(Ei mi guarda sott'occhio.)

Mengone

(Volevo regalarle questo nastro,
Ma più non lo vorrà.}

Grilletta

Che cosa ha in mano?
Pare un nastro.

Mengone

Pazienza,
Maledetta fortuna.
(getta il nastro.)

Grilletta

Gettar la robba via
E segno di pazzia.

Mengone

Gia sono un pazzo
Tutto il Mondo lo sa

Grilletta

Povero Nastro!
Almeno valerà quattro Testoni.

Mengone

Vale per dir il ver due Ducatoni.

Grilletta

E lei lo butta via?

Mengone

Non so, che farne.
Volevo regalarlo,
Sè nol posso, vuò calpestarlo.

Mengone

(Pagaria uma fortuna para voltarmos a
estar bem.)

Grilletta

(Está a olhar-me de viés.)

Mengone

(Queria oferecer-lhe esta fita,
Mas já não deve aceitá-la.)

Grilletta

Que tem ele na mão?
Parece uma fita.

Mengone

Paciência,
Sorte malvada.
(atira a fita para o chão.)

Grilletta

Deitar coisas fora
É sinal de loucura.

Mengone

Claro que estou louco
Toda a gente o sabe.

Grilletta

Pobre fita!
Deve valer umas quatro moedas de prata.

Mengone

Para dizer a verdade, vale dois Ducatões.

Grilletta

E assim a deitais fora?

Mengone

Não sei que fazer dela.
Queria oferecê-la,
Como não posso, hei de pisá-la.

Grilletta

Guardate li: peccato!
E' tutto polverato.

Mengone

Un pò di polve
Presto si manda via.

Grilletta

Veder non posso
Mandar male la robba.

Mengone

Ed io non posso...

Grilletta

Poverino!
(s'abassa per prenderlo.)

Mengone

Si fermi.
(s'abbassa anche lui.)

Grilletta

Lasci.
(tutti due vogliono levarlo con lazzi. Toccano la mano, poi resta a Grilletta, lo vuol dare a Mengone.)

Mengone

Eh via.

Grilletta

Prenda.

Mengone

Non è più robba mia.

Grilletta

Lo vuò restituir.

Grilletta

Olhai para ela: que pena!
Está toda suja.

Mengone

Um pouco de pó
Depressa sai.

Grilletta

Não posso ver
Estragar uma coisa.

Mengone

E eu não posso...

Grilletta

Coitadinha!
(baixa-se para a apanhar.)

Mengone

Parai.
(baixa-se também.)

Grilletta

Deixe estar.
(Ambos procuram apanhar a fita com movimentos cómicos. As mãos tocam-se, depois Grilletta fica com a fita e quer entregá-la a Mengone.)

Mengone

Ora essa.

Grilletta

Tomai.

Mengone

Isso já não é meu.

Grilletta

Quero restituí-la.

Mengone

Non lo permetto.

Grilletta

Che ne ho da far?

Mengone

Lo può portar in petto.
Deh bella in carità
Non siate più crudel,
Son degno di perdono:
Gradite il picciol dono,
Che reca un fido Amante
Che brama il vostro cor.

Grilletta

E' troppo crudeltà.
Quell' esservi infedel;
Voi mi rapiste il Core,
Son grata al vostro Amore;
A voi sarò costante
Ve l'assicura il Cor.

Mengone

Cara vita!

Grilletta

Son ferita.

Mengone e Grilletta

Che contento
Io mi sento
Viva, viva il Dio d'Amor.

SCENA QUARTA

Sempronio, e Volpino vestito alla turca con finti Turchi.

Sempronio

Or che tutto è concluso,
Possiam partir. Porterò meco unguenti

Mengone

Não o permito.

Grilletta

Que faço com ela?

Mengone

Podeis usá-la ao peito.
Ah, bela, por caridade
Não sejais mais cruel,
Sou digno de perdão:
Aceitai a pequena prenda,
Que vos traz um fiel Amante
Que anseia pelo vosso coração.

Grilletta

Era crueldade de mais
Ser-vos infiel;
Vós roubastes-me o coração,
Sou grata ao vosso amor;
Serei leal para vós
Garante-vos o meu coração.

Mengone

Vida querida!

Grilletta

Estou ferida de amor.

Mengone e Grilletta

Que feliz
Me sinto.
Viva, viva o Deus do Amor.

QUARTA CENA

Sempronio, e Volpino vestido à maneira turca, acompanhado de falsos Turcos.

Sempronio

Agora que tudo está concluído
Podemos partir. Levarei os meus unguentos,

Spiriti, elettuari,
Droghe, essenze, ed empirò mezza felucca
Con oglio perfettissimo di zucca.

Volpino

Prima, che ti partira
Bisogna ricordara,
Che aver Pupilla a me sposara.

Sempronio

Sposara, star contenta.

Volpino

Dove stara Grilletta?

Sempronio

Stara in Casa.

Volpino

Mi volerla chiamara,
E in to presenza la voler...

Sempronio

Sposara.

Volpino

Brava, brava semprugna.

Sempronio

(La sposi, non importa,
Or vado in Turchia,
Mi farò ricco colla spezieria.)

Volpino

Salamelica
Semprugna cara,
Constantinupela
Sempre cantara
Sempre ballara
Là, là, là, là.

(parte.)

Elixires, eletuários,
Drogas, essências, e carregarei meia falua
Com perfeitíssimo óleo de abóbora.

Volpino

Primeiro que ti partira
Preciso recordara
Que tê Pupila a mim desposara.

Sempronio

Desposara ficar contenta.

Volpino

Onde estara Grilletta?

Sempronio

Estara em Casa.

Volpino

Mim quere-la chamara,
E em presença a querer

Sempronio

Esposara.

Volpino

Bravo, bravo, Sempronho.

Sempronio

(Que a despose, não importa,
Agora vou para a Turquia,
Ficarei rico com a botica.)

Volpino

Salamelica
Sempronho caro,
Constantinupela
Sempre cantara
Sempre bailara
Lá, lá, lá, lá.

(sai.)

SCENA QUINTA

Sempronio, poi Grilletta, e Mengone da turco.

Sempronio

Che bel parlar grazioso;
Che gente spiritosa, e d'allegria,
Che paese gentile è la Turchia!

Grilletta

Ecco, Signor Tutore
Poiché vi contentate, ch'io mi sposi,
Questo Turco mi prendo.

Sempronio

Sia in buon'ora;
Prendine quattro, se tu vuoi ancora.

Mengone

Ma mi voler sposara,
Con tutta ceremunia,
Voler, che ti Tutora
Sposar Pupilla.

Sempronio

Sì volontieri.
Ciascheduno sia testimonio,
Che vi congiungo in Matrimonio.

Mengone

Via, finche crepara.

Sempronio

Si, obligato.

Mengone

(Questa volta Sempronio ci è cascato.)

QUINTA CENA

Sempronio, depois Grilletta, e Mengone vestido à maneira turca.

Sempronio

Que fala tão graciosa;
Que gente espirituosa, e que alegria,
Que país encantador é a Turquia!

Grilletta

Pronto, Senhor Tutor,
Pois que aceitais que eu me case,
Fico com este Turco.

Sempronio

Que seja em boa hora;
Fica com quatro, se ainda queres mais.

Mengone

Mas mim querer esposara
Com toda ceremunia
Querer que ti Tutora
Esposar Pupila.

Sempronio

Com todo o gosto.
Sejam todos testemunha
Que vos uno em Matrimónio.

Mengone

Viva, até bater a bota.

Sempronio

Sim,obrigado.

Mengone

(Desta vez Sempronio caiu na esparrela.)

SCENA SESTA

Volpino e detti.

Volpino

Grilletta non trovara... oh stara quá.

Sempronio

Stara qua, stara qua, star maritata.

Volpino

Con chi?

Sempronio

Con quel Turco è sposata.

Volpino

Chi stara ti?

Mengone

Ti chi stara?

Volpino

(O Maledetto
Mengon me l'ha ficcata.)
Pien di rabbia, e di sdegno, io resto un cavolo
E tai baffi, e vestiți mando
al Diavolo.
(leva li baffi e si scopre.)

Mengone

Signor Sempronio
Il Matrimonio
Si è fatto qua:
Constantinupola
Più non si va.
(si scopre.)

Grilletta

Se colla vostra mano
Ci avete voi sposati

SEXTA CENA

Volpino e os mesmos

Volpino

Grilletta não encontrara... oh, estara cá.

Sempronio

Estara cá, estara cá, estara maridada.

Volpino

Com quem?

Sempronio

Está casada com aquele Turco.

Volpino

Quem estara ti?

Mengone

Ti quem estara?

Volpino

(Ah, o maldito
Mengone pregou-ma bem.)
Cheio de raiva e de desprezo,
Eu fico na fossa
E estes bigodes e roupas que vão
para o Diabo.
(tira os bigodes e revela-se.)

Mengone

Senhor Sempronio
O Matrimónio
Fez-se cá:
A Constantinopla
Já não se irá.
(revela-se.)

Grilletta

Se com a vossa mão
Nos desposastes

Saremo consolati
Più non si penerà.

Volpino

Ed io, che tanto ho fatto
Per acquistar Grilletta
Quel razza maledetta
In vece mia l'avrà.

Sempronio

Bricconi quanti siete
Ficcata me l'avete,
Levatevi dagl'occhi
Andate via de quá.

Grilletta e Mengone

Contento è il nostro core
Per un si dolce Amore,
Mai più non penerá.

Sempronio e Volpino

Contenti siete voi
E intanto ogn'un di Noi
Contarsela potrà.

Tutti

Amore s'ingegna
Sa l'arte, e l'insegna,
Ma, se uno è più scaltro,
Soffrite, quell'altro
Tacere dovrà.

Ficaremos contentes
Acabaram nossas penas.

Volpino

E eu que tanto fiz
Para conseguir a Grilletta
O raio daquele maldito
Em vez de mim a terá.

Sempronio

Velhacos como sois
Pregastes-me a partida,
Ide-vos da minha frente
Ide-vos embora daqui.

Grilletta e Mengone

Está feliz nosso coração
Com um tão doce Amor
Acabaram nossas penas.

Sempronio e Volpino

Estais felizes vós
Enquanto cada um de nós
Pode contar como foi.

Todos

O Amor é engenhoso
Conhece a Arte e ensina-a
Mas, se há um mais esperto,
Aguentai. O outro
Terá de se calar.

























BIOGRAFIAS



©Susana Chicó

João Paulo Santos

DIREÇÃO MUSICAL

Nascido em Lisboa, concluiu o curso superior de piano no Conservatório Nacional desta cidade na classe de Adriano Jordão. Trabalhou ainda com Helena Costa, Joana Silva, Constança Capdeville, Lola Aragón e Elizabeth Grummer. Como bolseiro da Fundação Gulbenkian, aperfeiçoou-se em Paris com Aldo Ciccolini (1979-84). Estreou-se na direção musical em 1990 com *The bear* (W. Walton), encenada por Luis Miguel Cintra. Dirigiu óperas para crianças, musicais, concertos e óperas nas principais salas nacionais. Estreou em Portugal, entre outras, as óperas *Renard* (Stravinski), *Hanjo* (Hosokawa), *Pollicino* (Henze), *Albert Herring* (Britten), *Neues vom Tage* (Hindemith), *Le vin herbé* (Martin) e *The English cat* (Henze) e estreias absolutas de obras de Chagas Rosa, Pinho Vargas, Eurico Carrapatoso e Clotilde Rosa. É responsável pela investigação, edição e interpretação de obras portuguesas dos séculos XIX e XX. A sua carreira atravessa os últimos 40 anos da história do Teatro Nacional de São Carlos, onde principiou como correpetidor e maestro titular do Coro, desempenhando atualmente as funções de diretor de Estudos Musicais.



©DR

Jorge Vaz de Carvalho

DIREÇÃO CÉNICA

Licenciado em línguas e literaturas modernas, mestre em literaturas comparadas, doutorado em estudos de cultura, desenvolve um notável percurso cultural, com expressão maior na música e na literatura. Estreou-se como cantor em 1984, no Teatro Nacional de São Carlos de Lisboa. Interpretou inúmeros papéis em óperas de Rameau, Mozart, Beethoven, Rossini, Donizetti, Verdi, Puccini, Massenet, Gounod, Bizet, Wagner, Strauss, Prokofiev ou Stravinski, na Alemanha, Austrália, Bélgica, China, Croácia, Espanha, França, Inglaterra, Israel, Itália e Japão. Cantou obras de compositores portugueses, algumas em estreia, que lhe foram dedicadas. Encenou *Le nozze di Figaro*, *Don Giovanni*, *Così fan tutte*, *La clemenza di Tito*, *Die Zauberflöte* de Mozart, *L'elisir d'amore* de Donizetti, *La bohème* de Puccini e *Carmen* de Bizet. Ministra *masterclasses* e integra júris de concursos de canto internacionais (Concorso Toti dal Monte di Treviso, Concorso Lirico Franco Alfano di Sanremo, Concorso Lirico Leoncavallo, em Itália; Concurso Bidu Saião, no Brasil). Foi diretor da Orquestra Nacional do Porto e diretor do Instituto das Artes. É professor na Universidade Católica Portuguesa. O seu trabalho literário inclui obras de poesia, conto, ensaio e tradução.



©DR

Ana Paula Rocha

CENOGRAFIA E FIGURINOS

Mestre em teatro e comunidade e licenciada em *design* de cena pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Curso de estilismo pela Escola de Moda de Lisboa. Iniciou o seu percurso profissional em televisão, em 1996, com « Era uma vez», de Marina Mota. Em teatro, estreou-se com José Peixoto, em *Il Campielo* no Teatro da Malaposta em 1997, em simultâneo com *A noite é mãe do dia*, de Solveig Nordlund no CCB. Colaborou com os Artistas Unidos e encenadores como Elmano Sancho, André Amalio, Ignacio García, João Lourenço, Solveig Nordlund, Cláudio Hochman, Rui Mendes, José Peixoto, Rodrigo Francisco, Paulo Lage e Peter Kleinert, entre outros. Em cinema, fez a direção de arte de vários filmes, destacando-se *Gelo* de Luís Galvão Teles, *Carnaval sujo* de José Miguel Moreira, *A filha, A morte de Carlos Gardel* e *Espelho lento*, de Solveig Nordlund, este último vencedor do prémio «Melhor Drama» no VI festival de curtas-metragens Downtown de Nova Iorque. Com Margarida Gil, fez *Sobre o lado esquerdo, O fantasma de Novais* e *Perdida Mente*, vencedor do prémio «Melhor argumento de longa-metragem produção internacional», no Festival Internacional de Cinema e Vídeo Independente de Nova Iorque. Conta com mais de 250 criações de cenografia, bem como de figurinos, em diversos teatros, como o Teatro Nacional D. Maria II, Teatro da Trindade, Teatro S. Luiz, Companhia de Teatro de Almada, Companhia Nacional de Teatro Clássico de Madrid e Lisbon Film Orchestra, entre outros. Nomeada como melhor figurinista pela XXIV edição dos prémios MAXX (de las artes cénicas, 2021/Espanha) com o espetáculo *Reinar depois de morrer* (coprodução entre a Companhia de Teatro de Almada e a Companhia Nacional de Teatro Clássico de Madrid). Presidente da APCEN (biénio 2020/22), membro da direção da Academia Portuguesa de Cinema (biénio 2026/28. Vice-Presidente da Associação Tribo de Palco.



©DR

Sérgio Moreira

DESENHO DE LUZ

Sérgio Moreira formou-se como técnico de som na ETIC e começou, ainda jovem, a carreira no Teatro Extremo, em Almada. Seguiu-se, pouco depois, o Teatro da Trindade, onde ficou cerca de ano e meio, e depois o Teatro Aberto, altura em que começou a trabalhar também em iluminação. Regressou ao Trindade para chefiar o departamento de iluminação. Em 2014, fez uma pausa de oito meses para uma digressão europeia com Christiane Jatahy, voltando depois ao teatro, onde ficou até 2017. Em 2018, foi diretor técnico dos Artistas Unidos durante um ano. Desde então, trabalha como *freelancer*, como técnico, iluminador ou diretor técnico, colaborando regularmente com o Teatro Nacional D. Maria II, o São Luiz, a Culturgest e a Fundação Calouste Gulbenkian. Mantém, assim, uma carreira marcada pela versatilidade entre luz e direção técnica. Paralelamente, participa em vários festivais de música e teatro. Em maio de 2026, foi convidado para chefiar o departamento de iluminação do Teatro Nacional de São Carlos, cargo que atualmente ocupa.



©DR

Liliana Mourão

SOPRANO

Liliana Mourão é uma soprano natural do Porto, Portugal. Frequenta atualmente a licenciatura na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto, sob a docência de Mário João Alves. Formou-se, também, em estudos portugueses pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde aprofundou o estudo da língua e da literatura. Participou em *masterclasses* com nomes como Julius Drake, Paulo Lapa, Ana Ester Neves, João Paulo Santos, Mark Ross Clark, Magna Ferreira, Pedro Costa e Mário João Alves. Foi, ainda, selecionada para o ingresso na edição de 2026 do Projetoção, contando com a docência de Juliane Banse, e solista no Concerto Final do Ano Letivo do CMP, interpretando a *Missa das Crianças* de John Rutter, sob a direção do maestro Fernando Marinho. Obteve o 3.º Prémio no Concurso Internacional do Alto Minho (2026), o 2.º prémio no Concurso Interno do CMP em 2024 e 2025, e participou no Concurso Nacional de Canto nos anos de 2023, 2024 (menção honrosa) e 2025.



©DR

Joana Conrado

SOPRANO

Joana Conrado nasceu em Lisboa, em 2008, tendo atualmente 18 anos. Iniciou os seus estudos musicais no Instituto Gregoriano de Lisboa, onde estudou violoncelo antes de se dedicar ao canto, sob a orientação de Elsa Cortez, concluindo o 5.º grau. Em 2023/24, ingressou na Escola Artística de Música do Conservatório Nacional, onde estuda atualmente canto com a professora Manuela de Sá. Ao longo da sua formação, apresentou-se como solista em diversas produções, destacando-se nos papéis de Golde, em *Um violinista no telhado*; Sevadilha, em *As guerras de alecrim e manjerona*; Zita, em *Gianni Schicchi*; e Dona Berta, em *O pequeno limpa-chaminés*. Participou também como coralista em produções como a *3.ª* e a *8.ª Sinfonias* de Mahler, *Die Fledermaus*, *La traviata*, *Vanessa* e *Turandot*. Trabalhou com Lara Martins, Orlanda Isidro, Siphiwe Mckenzie, Ana Paula Russo, Isabel Alcobia, Rafaela Albuquerque, Megan Kahts, Catrin Wyn-Davies, Amand Hekkers, David Santos e o maestro João Paulo Santos. No âmbito da música de câmara, trabalhou com Helena Raposo, Paulo Jorge Ferreira e Paulo Pacheco.



©DR

Gustavo Tecelão da Luz

TENOR

É um tenor português, nascido em Lisboa em 2008. Iniciou os seus estudos musicais no Instituto Gregoriano de Lisboa, onde estudou canto com Manuel Brás da Costa. Desde 2024, prossegue a sua formação vocal no Conservatório Nacional de Lisboa, onde frequenta atualmente o 8.º grau de canto, tendo sido aluno de Ana Paula Russo e sendo atualmente orientado por Rute Dutra. Entre 2019 e 2025, integrou o Coro Infanto-Juvenil da Universidade de Lisboa, com o qual se apresentou em importantes salas nacionais e internacionais. Participou também em diversas produções do Opera Fest Lisboa, destacando-se *Cavalleria rusticana*, *I pagliacci*, *La traviata*, *Dido and Aeneas* e *Vanessa*. No repertório solístico, interpretou Doctor Shrink, em *The boy who grew too fast*, D. Fuas, em *As guerras de alecrim e manjerona*, e Rinuccio, em *Gianni Schicchi*, numa produção dirigida pelo maestro João Paulo Santos. Integra ainda o elenco da ópera *La Statira*, de Alessandro Scarlatti, no papel de Oronte, com a orquestra Divino Sospiro. Em 2024, recebeu uma Menção Honrosa no Concurso Nacional dos Conservatórios e participou em *masterclasses* com Isabel Alcobia, João Paulo Santos e Megan Kahts.



©DR

Tiago Simas

TENOR

Tiago Simas iniciou os seus estudos musicais em Torres Vedras, onde estudou canto com Susana Duarte, para mais tarde concluir o Curso Secundário no Instituto Gregoriano de Lisboa, na classe de Elsa Cortez. Em 2020, ingressou na Escola Superior de Música de Lisboa para o estudo simultâneo de canto e de composição. Em 2023, licenciou-se em canto, sob orientação de Armando Possante, e estudou com Noa Frenkel, em intercâmbio com o Real Conservatório de Haia. Em 2025, concluiu a licenciatura em composição, no âmbito da qual estudou com João Madureira, Sérgio Azevedo, Carlos Caires e Luís Tinoco. Atualmente, frequenta ambos os ramos de canto e composição do mestrado em ensino da música. Como cantor, integrou projetos e *masterclasses* sob a orientação de Michael Chance, Bernarda Fink, Simon Bode, Aphrodite Patoulidou e Julius Drake. Trabalha regularmente com grupos de renome no panorama musical português, como o Grupo Vocal Olisipo, o Ensemble 258, o Grupo Ars Lusitana, o Ensemble Mpmp e o Officium Ensemble, tendo já participado em várias estreias modernas de obras antigas recém-editadas, tal como em várias estreias mundiais de obras contemporâneas.

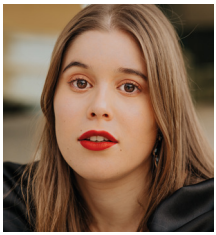


©DR

Maria Mendes

SOPRANO

Maria Mendes (n. 1999), jovem soprano natural do Fundão, tem vindo a afirmar-se nos palcos nacionais e internacionais pela sua presença marcante e versatilidade artística. Iniciando o seu percurso operático no Ateliê de Ópera da Metropolitana (2019/20), estreou-se no papel de Adina em *L'elisir d'amore*. O seu repertório de ópera inclui os seguintes papéis: Donna Elvira (Itália); Contessa (Alemanha); Berta; Leonor; Rita. Participou na European Opera Academy, em Florença (2023), integrou o Estúdio de Ópera em Oslo (2023) e marcou presença no projeto Opera Out of Opera, em Roma (2024). Em Monheim, apresentou-se com a Orquestra Nacional de Kiev (2025), reforçando o seu percurso além-fronteiras e consolidando a sua experiência em contexto operático europeu. Vencedora do 1.º Prémio do Concurso de Canto de Évora (2025); Prémio Melhor Interpretação de Obra de Compositora no Concurso Martín y Soler (2026); 3.º Prémio Jovens Músicos (2024); 1.º Prémio Helena Sá e Costa (2022); e o 1.º Prémio Concurso Lions Clube (2022), onde representou Portugal na final europeia na Croácia. É detentora de segundos prémios no Concurso Cidade de Gaia e no Concurso Internacional Cidade do Fundão.



© Spinto Photography

Beatriz Patrocínio

SOPRANO

Beatriz Patrocínio (n. 2002) é uma soprano formada em canto pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, na classe do professor António Salgado. Foi a grande vencedora do Prémio Jovens Músicos 2024. Em 2025, foi distinguida com o 3.º Prémio no 13.º Concurso de Canto Lírico da Fundação Rotária Portuguesa. Na ESMAE, participou na produção da opereta *Os noivos* (2022) e na Ópera Real (2023). Em 2024, estreou-se como Fiordiligi em *Così fan tutte*. Em 2025, estreou-se como Mimi em *La bohème* na Universität Mozarteum (Salzburgo) e na KHiO (Oslo). Trabalhou com vários professores, destacando-se Anna Samuil, Mario Diaz, Olesya Tutova e Sílvia Sequeira. Trabalha atualmente com a soprano Carla Caramujo. Apresentou-se em palco com a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica da ESMAE e a Orquestra das Beiras, entre outras. Gravou o CD *Ponte de Lima, a Vila dos Encantos*, um ciclo inédito de seis canções para soprano e piano, escritas por Luís Pipa. Em 2026, estreou-se no Festival de Ópera de Óbidos no papel de Marcelline em *Fidelio*, numa versão reduzida para o concerto inaugural.



©DR

Catarina Mouro

SOPRANO

Catarina Mouro, soprano coloratura, mestre em *opera performance*, Fundació Conservatori Liceu (Barcelona, 2025), licenciada em estudos europeus – minor arte, literatura e cultura, Universidade Aberta (Lisboa, 2023) e formada em canto, Conservatório Nacional (Lisboa, 2015). Apresentou-se em palcos como na Culturgest, Gulbenkian, CCB, Teatro Thalia, Luísa Todi e Casino Estoril. Interpretou diversos personagens operáticos como Monica (*The medium*, Menotti), Barbarina (*Le nozze di Figaro*, Mozart), Rainha da Noite (*Die Zauberflöte*, Mozart) e Rosina (*Il barbiere di Siviglia*, Rossini). Colabora como solista no projeto *Opera nas Escolas*, na Associação Setúbal Voz e, brevemente, com o OperaTools. Estuda com o barítono Luís Rendas e foi aluna de Dolors Aldea e Dale Fundling. Participou em *masterclasses* de Eleonora Pacetti, Ramon Theobald, Anna Ponces, Fiorenza Cedolins, Cameron Burns, Jorge Balça e David Wakeham, entre outros. Detém prémios como: melhor interpretação de música portuguesa no Concurso Eborae Mvsica 2026, com *O papagaio e a galinha* de Alexandre Delgado; Menção Honrosa e Zerlina numa futura produção, no concurso OperaTools 2025; 2.º lugar no Concurso Internacional de Música Terras de Santiago em Canto, nível III (2022) e Canto, nível II (2018).



©DR

Maria da Graça

SOPRANO

Maria da Graça é licenciada em Música, na vertente de Canto, pela Universidade de Évora, onde frequenta o mestrado em ensino de música, distinguida com bolsas de mérito da Fundação Eugénio de Almeida e da Direção-Geral do Ensino Superior. Iniciou a sua formação na Escola de Artes de Penacova com o professor Rodrigo Carvalho, onde atualmente é professora de canto, prosseguindo os estudos no Conservatório de Música de Coimbra com a professora Isabel Melo e Silva. Posteriormente, aperfeiçoou a sua formação com Liliana Bizineche e Rafaela Albuquerque, tendo realizado Erasmus+ no Conservatorio Vivaldi, em Itália. Enquanto solista, tem-se apresentado em diversos contextos musicais, destacando-se as interpretações da *Petite messe solennelle* de Rossini em Hamburgo e da *Missa em Lá bemol maior* de Schubert em Évora. No repertório operático, interpretou Suora Infermiera em *Suor Angelica* de Puccini. Distinguida no Concurso Infante D. Henrique, participou na Internationale Chorakademie, dirigida por Rolf Beck, e em *masterclasses* com Eleonora Pacetti, Cátia Moreso e Ramon Theobald. Integra o Estúdio de Ópera do Teatro Nacional de São Carlos e é maestrina do coro Vox et Communio.



©Bruno Simão

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.os 1, 3, 5* e *6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

FICHA TÉCNICA

OPART ORGANISMO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA, EPE

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE
Conceição Amaral

VOGAL
Sofia Meneses

GABINETE DE APOIO AO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Ana Fonseca
Anabela Tavares
Catarina Paulino
Fernanda Rodrigues Jurista
Inês Souza e Faro
João Monteiro Rodrigues
Tânia Alves

SERVIÇO EDUCATIVO E DE PEDAGOGIA

COORDENADOR
Pedro Teixeira da Silva

Jorge Rodrigues
Teresa Gentil

DIREÇÃO FINANCEIRA E ADMINISTRATIVA

DIRETOR
Marco Prezado

SETOR FINANCEIRO

CHEFE
Fátima Ramos

Raquel Mergulhão
Rute Gato

SETOR DE AQUISIÇÕES

CHEFE
Edna Narciso

Marta Gamito

SETOR DE LIMPEZA

ENCARREGADA
Maria Teresa Gonçalves

Maria de Lurdes Moura
Maria do Céu Cardoso
Maria Isabel Sousa

SETOR DE EXPEDIENTE E ECONOMATO

Anabel Segura

SETOR DE BILHETEIRA

Laura Barbeiro
Luísa Lourenço
Rita Martins

DIREÇÃO DE COMUNICAÇÃO E MARKETING

DIRETORA
Sara Gil

DIREÇÃO DE RECURSOS HUMANOS

DIRETOR
Pedro Quaresma

Jéssica Santos
Sofia Teopisto
Vânia Guerreiro
Zulmira Mendes

DIREÇÃO DE MANUTENÇÃO

DIRETOR
Vítor José

Artur Raposo
Carlos Pires
Carlos Vaz
João Eusébio
Miguel Cardoso
Nuno Cassiano
Nuno Estevão
Rui Ivo Cruz
Rui Rodrigues
Susana Santos
Telmo Vaz

GABINETE DE INFORMÁTICA

COORDENADOR
Pedro Penedo

Márcio Canez

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

DIRETOR ARTÍSTICO
Pedro Amaral

ADJUNTA DO DIRETOR ARTÍSTICO
Susana Henriques

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

DIRETORA
Alda Giesta

ADJUNTA DA DIRETORA
Mafalda Gouveia

Luís Marreiros
Helena Neves

GABINETE DE CONTRATAÇÃO DE ARTISTAS

COORDENADORA
Alessandra Toffolutti

Fátima Machado

SETOR DE COSTURA

CHEFE
Ana Paula Simaria

Manuela Garcia
Márcia Val Miyamoto
Secundino Lima

DIREÇÃO TÉCNICA

DIRETORA
Joana Camacho

ADJUNTO
Guilherme Frazão

César Joaquim

SETOR DE MAQUINARIA

CHEFE
João Paulo Araújo

Carlos Janeiro
Felipe Augusto
Fernando Correia
Fernando Pinto
Joaquim Cândido Costa
Vinicius Severiano
Paulo Silva
Rui Carmo

SETOR DE ILUMINAÇÃO

CHEFE
Sérgio Moreira

Carla Pereira
Joaquim Almeida
José Diogo
Pedro Galo

SETOR DE SOM E VÍDEO

CHEFE
Paulo Fernandes

Telmo Costa

SETOR DE CONTRA-REGRA

Paulo Mendes
Sancha Viana

SETOR DE ADEREÇOS

Eduardo Araújo

DIREÇÃO DE CENA

DIRETOR
Bernardo Azevedo Gomes

Álvaro Santos
Anita Faria

SETOR DE ARQUIVO

Raquel Coelho

SETOR DE GUARDA-ROUPA

Anabela Pires Vicente
Carolina Fadigas
Patrícia Abreu

DIREÇÃO DE ESTUDOS MUSICAIS

DIRETOR
João Paulo Santos

Joana David
Nuno Margarido Lopes
Pedro Lopes

DIREÇÃO DO CORO E ORQUESTRA

DIRETORA
Margarida Clode

ADJUNTO (EM ACUMULAÇÃO)/
/COORDENADOR DO CORO
João Carlos Andrade

Carolina Alves
Gleysis Pabón
Isabel Pina
Gonçalo Onofre
Maria Beatriz Loureiro
Nuno Guimarães
Sandra Correia

GABINETE DE DOCUMENTAÇÃO MUSICAL

COORDENADORA
Paula Coelho da Silva

Alexander Goulev
Tiago Flores

GABINETE DE COMUNICAÇÃO E MARKETING

André Quendera
Carlota Garcia
Margarida Macedo de Sousa

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

DIREÇÃO ARTÍSTICA
Miguel Loureiro

DIREÇÃO EXECUTIVA
Ana Rita Osório

ADJUNTA DIREÇÃO ARTÍSTICA
Tiza Gonçalves

ADJUNTA DIREÇÃO EXECUTIVA
Soraia Amarelinho

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
E PROJETOS EUROPEUS
Catarina Ferreira

DIREÇÃO DE COMUNICAÇÃO
Elsa Barão

ACESSIBILIDADE
E PRODUÇÃO DE COMUNICAÇÃO
Duarte Amado

COMUNICAÇÃO DIGITAL
Ana Ferreira

MEDIAÇÃO DE PÚBLICOS
Diana Bento

ASSESSORIA DE IMPRENSA
Mafalda Simões

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Mafalda Santos

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Maria Beatriz Pinto
Pedro Campelo
Rita Caetano

COORDENAÇÃO
DA DIREÇÃO DE CENA
Marta Pedroso

DIREÇÃO DE CENA
Helena Ribeiro
Lara Canteiro
Maria Távora
Sara Garrinhas

ASSISTENTE DA DIREÇÃO DE CENA
Cristina Soares

CAMAREIRA
Rita Talina

DIREÇÃO TÉCNICA
João Chicó

ADJUNTO DA DIREÇÃO TÉCNICA
João Nunes

ILUMINAÇÃO
António Sofia
Carlos Tiago
Diogo Zózimo
Ricardo Campos

MAQUINARIA
António Palma
Miguel Rocha
Vasco Ferreira
Vítor Madeira

SOM
João Caldeira
Nuno Saias
Pedro Baptista
Rui Lopes

VÍDEO
Gonçalo Sousa
João Ramos
Sérgio Joaquim

MANUTENÇÃO E SEGURANÇA
Ricardo Joaquim

BILHETEIRA
Mariana Branco
Marta Saavedra
Pedro Xavier

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

MAESTRO TITULAR
Antonio Pirolli

FLAUTAS
Ana Baganha

OBOÉS
João Barroso
Carmo Azeredo*

FAGOTES
Carolino Carreira

TROMPAS
Paulo Guerreiro
Tracy Nabais

CRAVO
Bernardo Marques*

I VIOLINOS
Alexander Stewart
Veliyana Yordanova
Iskrena Yordanova
Alexandre Arutyunyan*
Regina Stewart
Hasmik Duarte

II VIOLINOS
Tomás Soares
Nariné Dellalian
Witold Dziuba
Kamelia Dimitrova
Tomás Costa

VIOLAS
Pedro S. Muñoz
Isabel Pereira
Etelka Dudás

VIOLONCELOS
Hilary Alper
Carolina Matos
Emídio Coutinho

CONTRABAIXOS
Diogo Pereira
Anita Hinkova

*Reforços

Legendas Iconografia

PÁGINA 9
Retrato de Joseph Haydn (1732-1809) por Thomas Hardy (1757-1804). Óleo sobre tela. 1791. Coleção Royal College of Music

PÁGINA 14
Gravura histórica intitulada *Lo speziale* (*O boticário*), criada a partir de uma obra de Pietro Mainoto (?-?) e gravada em água-forte por Francesco Baretta (?-?). Wellcome collection

PÁGINA 20
Retrato de Carlo Goldoni (1707-1793), dramaturgo e libretista veneziano, por Alessandro Longhi (1733--1813), ca. 1757. Coleção Palazzo Rizzo-Centani

PÁGINA 34
Fotografia aérea do Palácio Esterházy, localizado em Fertöd na Hungria, que albergou o Teatro Eszterháza, onde se estreou a ópera *Lo speziale*, no outono de 1768

PÁGINA 36
Gravura que retrata uma cena da ópera *Lo speziale* (*O boticário*), da autoria de Giuliano Zuliani (ca. 1730-ca. 1814)

PÁGINA 42
«O boticário», pintura a óleo de Pietro Longhi (1701-1785), ca. 1752. Gallerie dell'Accademia (Veneza, Itália)

PÁGINA 90
Em cima e da esquerda para a direita:

Tiago Simas (Sempronio), Maria Mendes (Grilletta)

Tiago Simas (Sempronio)

Em baixo:

Maria da Graça (Volpino)

PÁGINA 91
Em cima:

Tiago Simas (Sempronio), Beatriz Patrocínio (Volpino)

Em baixo:

Joana Conrado (Volpino)

PÁGINA 92
Liliana Mourão (Grilletta)

PÁGINA 93
Em cima:

Gustavo Tecelão da Luz (Mengone), Catarina Mouro (Grilletta)

Em baixo:

Tiago Simas (Sempronio), Beatriz Patrocínio (Volpino)

PÁGINA 94
Em cima:

Tiago Simas (Sempronio), Maria Mendes (Grilletta), Gustavo Tecelão da Luz (Mengone)

PÁGINA 95
Catarina Mouro (Grilletta), Maria da Graça (Volpino)

PÁGINAS 94-95
Da esquerda para a direita:

Gustavo Tecelão da Luz (Mengone), Catarina Mouro (Grilletta), Tiago Simas (Sempronio)

Agradecimentos

Dona V
Dr. Casanova

Legendagem

CULTOC, Prestação
de Serviços de Informática
e Legendagem, L.da

Créditos Fotográficos

FOTOGRAFIAS DE ENSAIOS
André Quendera

BIOGRAFIAS

JOÃO PAULO SANTOS
por Susana Chicó

BEATRIZ PATROCÍNIO
por Spinto Photography

ORQUESTRA SINFÓNICA
PORTUGUESA
por Bruno Simão

TRADUÇÃO DO LIBRETO
José Lima

TRADUÇÃO DO ARGUMENTO
Carolina Figueiredo

DESIGN GRÁFICO
The Other Studio

REVISÃO DE TEXTOS
António José Massano

IMPRESSÃO
LouresGráfica

ISBN n.º 978-989-95909-5-3

Espetáculo para maiores de 12 anos.

É expressamente proibido filmar, fotografar ou gravar durante os espetáculos.
Não é permitida a entrada na sala após o início do espetáculo.
Agradecemos que sejam desligados os telemóveis e os relógios eletrónicos.

O programa pode ser alterado por motivos imprevistos.

NOTA EDITORIAL
Os títulos, nomes ou lugares mencionados no presente programa obedecem sempre à grafia inscrita na partitura ou no documento musical da obra a ser representada.

As notas ao programa e as Breves Palavras resultam de uma parceria entre o OPART/ TNSC e o Departamento de Ciências Musicais da FCSH/NOVA, que compreende a produção de textos científicos e académicos para enquadramento da temporada lírica.

O texto da página 19 foi redigido ao abrigo do antigo acordo ortográfico.

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

opart
ORGANISMO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA, EPE

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

LISBOA CULTURA

SÃO LUIZ
TEATRO MUNICIPAL

O Teatro Nacional de São Carlos é membro das seguintes organizações

opera europa

ópera XXI
LA AGENDA DE LA ÓPERA EN ESPAÑA

PEARLE*
Live Performance Europe

performart

acesso cultura
access culture

ola | ÓPERA LATINOAMÉRICA

O Idealista apoia o
Teatro Nacional de São Carlos

idealista

Parceiro para
a comunicação

ANTENA 2

Apoio

HORTO
DO CAMPO GRANDE

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

opart
ORGANISMO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA, EPE

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS